CÂMARA MUNICIPAL DE SARZEDO
"Dever de cumprir e fazer realizar"

End. R. Professora Efigênia Mendonça Pinheiro, 199, Centro,
Sarzedo – Minas Gerais
CNPJ: 02.306.182/0001-59 - CEP 32450-000

Tel.: (031) 3577/8000
E-mail: camarasarzedo@yahoo.com.br
www.camarasarzedo.mg.gov.br

DOCUMENTOS DA EMANCIPAÇÃO

DE SARZEDO

"HISTÓRICO DA EMANCIPAÇÃO"

HINO À SARZEDO

Música: JOÃO FERNANDES
Letra: RAQUEL MARIA DA SILVA

Para sempre serás um povo forte
Sem medo de perecer
Tendo a ousadia de enfrentar
E no fim vencer

Pra sempre viverás
Assim silencioso
E por isso fulgurarás vitorioso

Se é crescente a sua população
Se sente tormento ou sente Paz
O importante é a satisfação
Nas grandezas que nos traz

Encerras as tradições paternas
As matas e a responsabilidade
Não esquece a luta pela liberdade

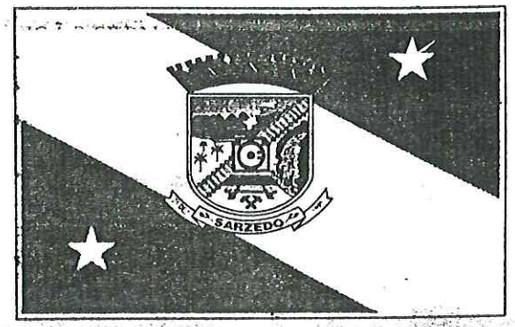
ÉS SARZEDO, ÉS SARZEDO
UMA CIDADE GENTIL
QUE GUARDA O COLORIDO
EM NOSSO PEITO JUVENIL...

Salve, Salve Sarzedo
Que tem o penhor
De nos dar um vívido
E imenso amor...

ÉS SARZEDO, ÉS SARZEDO
UMA CIDADE GENTIL
QUE GUARDA O COLORIDO
EM NOSSO PEITO JUVENIL...

Salve, Salve Sarzedo
Que tem o penhor
De nos dar um vívido
E imenso amor...

BANDEIRA E BRASÃO



Autores: BANDEIRA : Jonatas Nascimento - Jair Mari Filho
BRASÃO : Leonardo Moreira da Silveira e Equipe

SENTIDO HERÁLDICO E SIMBOLOGIA

A BANDEIRA, nas cores VERDE E BRANCA, tem grande representação a considerar:

O VERDE representa as MATAS e a HORTICULTURA desenvolvida no município principalmente na Serra da Boa Esperança e na Estrada da Mineração;

A COR BRANCA representa a PAZ, Pureza, Alvidez e a Simplicidade de seu povo;

A ESTRELA BRANCA significa a criação do Distrito;

A ESTRELA AMARELA representa a sua elevação a Município.

O BRASÃO:

Incrustado no centro da Bandeira, apresenta uma Locomotiva com a Placa 1919 que lembrar o ano em que a Estação Ferroviária Belo Horizonte - Rio de Janeiro, recebeu o nome SARZEDO, em homenagem ao Engenheiro Espanhol FRANCISCO SARZEDO que ao trabalhou durante a construção do ramal ferroviário. Anteriormente, o povoado era conhecido Cachoeira de Santa Rosa de Lima. A cor Marron significa o minério de ferro que ainda representa base da economia municipal.

NO PLANO SUPERIOR se vê uma COROA que traduz a soberania municipal lembrando as famílias tradicionais que fundaram o município e seus descendentes que lutaram sua emancipação. O triângulo em vermelho representa Estado de Minas Gerais no qual Sarzedo situada.

À DIREITA DA LOCOMOTIVA se vê a Cachoeira de Santa Rosa, que na época possuia grande volume de água e produzia um som inconfundível.

À SUA ESQUERDA se vê a Serra da Boa Esperança, famosa em beleza e rica jazidas de minério de ferro.

ABAIXO DA LOCOMOTIVA há um campo na cor DOURADA, que simboliza riqueza mineral, contendo duas picaretas que representam as ferramentas primitivas utilizad pelos trabalhadores no início da exploração do minério.

NO PLANO INFERIOR se vê, em forma de um laço, o NOME do Município e a DATA de sua emancipação política. As ROSAS gravadas lembram que a fazenda pioneira da região denominada "SANTA ROSA DE LIMA".

TRIBUNA LIVRE DE IBIRITÉ

Diretor-Responsável: RONALDO SANT'ANNA — A verdade em forma de notícia

EDIÇÃO ESPECIAL

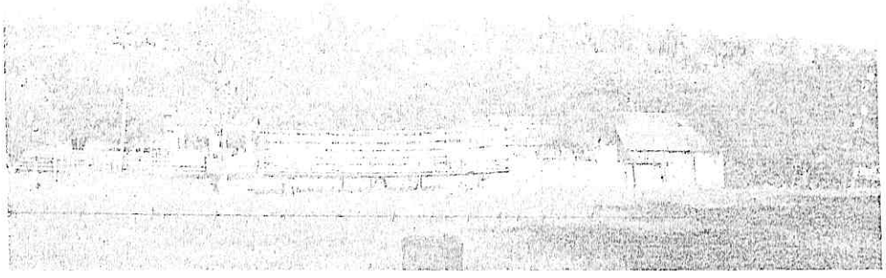
A história de Sarzedo: Uma viagem ao tempo

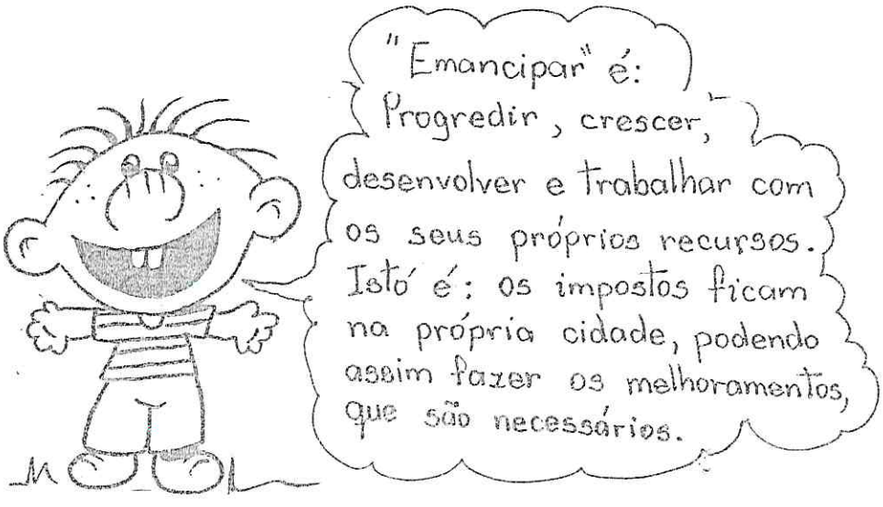
AMIGO LEITOR,

Este não é um jornal qualquer. Pelo contrário, é uma edição especial, que relata a hitória do distrito de Sarzedo e, tam-m, a história da sua população. Claro, não podemos falar de Sarzedo sem contar a união e os esforços da população para que chegássemos até aqui. Não podemos falar das obras, das construções, sem mencionar o carinho, o suor e a dedicação daqueles que puseram a mão na massa. E também de você, que , se não contribuiu, está ajudando a manter e a preservar.

Sarzedo existe para você. E é porque você está em Sarzedo que ele existe.

Nós lhe convidamos agora a fazer uma viagem no tempo. Venha conosco relembrar os idos de 1.935 em Sarzedo. A construção da primeira Igreja, do centro social... você sabe como a água e a luz chegaram e chegam até você? Não? Então venha ver como foi importante a sua participação. Foi e continua sendo, porque tudo o que Sarzedo é hoje tudo o que distrito pode oferecer a você e a cada um que aqui mora é fruto da sabedoria do seu povo.





A conquista da água...

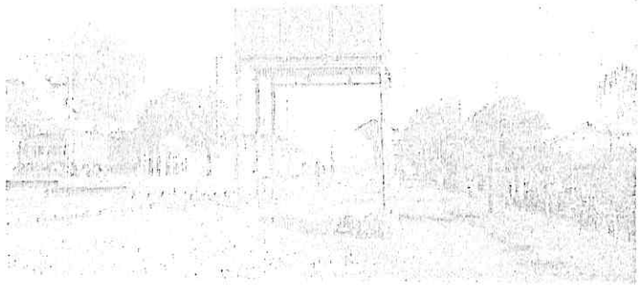
A água que hoje abastece Sarzedo tem sua nascente no Engenho Seco. Antes da emancipação política de Ibirité, esta água foi canalizada para abastecer a população de Betim. Betim usava a água que pertencia a Sarzedo deixando a população de Sarzedo severamente prejudicada, no seco, tendo que carregar água da caixa d'água da Central, que abastecia as máquinas a vapor. Lavavam roupas no córrego ou na uma, que hoje ainda existe perto da antiga escola.

Depois da emancipação política de Ibirité, surgiu alguém que sentiu o drama da vida doméstica em Sarzedo e liderou um movimento para adquirir a água que pertencia a Sarzedo. Este líder foi o Frei Eduardo Copray.

Frei Eduardo reuniu o povo e foram numa madrugada arrebentar os canos que faziam a ligação para Betim. Arrebentaram e colocaram água em Sarzedo. Mas isso não aconteceu calmamente. Os líderes políticos e a polícia de Betim vieram impedir que o povo de Sarzedo fosse beneficiado com a água, mas nada resolveu, porque o povo estava decidido a lutar para ganhar a causa e inclusive muitas pessoas chegaram até mesmo a deitar sobre os canos para impedir que Betim retomasse a água.

Esta polêmica durou alguns dias, pois Betim não queria perder. No final, chegaram a um acordo, decidindo dividir a água. Sarzedo ficaria com uma parte da água e Betim, com a outra.

Hoje esta água pertence toda a Sarzedo. Entretanto, com o aumento da população dia-a dia, Sarzedo volta a enfrentar o problema da falta de água. A expectativa dos sarzedenses é de que com a emancipação a Copasa coloque fim ao problema e também que faça o tratamento necessário da água para proteção da saúde da comunidade.



ENERGIA ELÉTRICA

Todas as conquistas que visem a melhoria do distrito de Sarzedo e promovam o bem-estar e maior conforto à população foram um trabalho que teve a adesão e o impulso dos moradores. E para a instalação da energia elétrica não poderia ser diferente.

Em época de eleição, os políticos compravam rolos de arame e os deixavam expostos em cima dos balcões dos armazéns, para fazer com que o povo acreditasse que a luz estava para chegar em Sarzedo. Mas o resultado desta investida política não proporcionou respostas concretas e se não fosse o interesse e a luta dos moradores, talvez Sarzedo ainda estivesse no escuro.

Por volta de 1959 o Frei Eduardo Copray comprou um motor movido a gasolina que levava uma pequena luz até a igrejinha. Ele resolveu, juntamente com Franklin Landi, que em 1958 tinha sido nomeado escrivão, fazer a tentativa de trazer a luz elétrica para Sarzedo.

Assim, com a adesão de Ermelindo Cardoso e Antônio Afonso Magalhães, entre outros, o Frei Eduardo e Franklin Landi formaram uma equipe para divulgar suas idéias para a população de Sarzedo.

A receptividade foi muito boa e a união foi geral, com todos ajudando financeiramente, de acordo com suas possibilidades. A primeira contribuinte foi D. Geraldo (do Sr. José Bispo) com a importância de cinco contos de réis.

A equipe que liderou a reivindicação de luz para Sarzedo reuniu-se e juntamente com o Sr. César, prefeito de Betim, e o Sr. Chaffir Ferreira, ex-tendente de Ibirité, foram falar com o governador do Estado. O objetivo da ida deste pessoal ao Palácio foi trazer o esclarecimento da importância da luz no distrito, uma necessidade de toda a população, e obter do governo de Minas, o empréstimo para a viabilização do projeto. Foram muitas as dificuldades, mas a equipe conseguiu ter uma audiência com o governador.

Depois de muita luta o empréstimo foi liberado pela Caixa Econômica e juntando com a contribuição da população a equipe fez o depósito e de imediato o pedido para a instalação da luz elétrica.

Assim, entre muita euforia e aplauso, em 23 de dezembro de 62, às 16 horas, inaugurava-se a instalação da luz elétrica em Sarzedo, fruto da reivindicação e união da comunidade.

E A A X S M N N I O V O T E K L Q G B Z N U I O B B S W E R I W
M S S C N O V I Q C O N S C I E N T E L S U B B U B N M A A S I
A A S I E D O N B Q W H U E O N B B S C M U Y S O M B B S U I
N N P A R A K S I N N S L I B A M Q Ç Ã U C R E S C E R K I O P U
C A S O V L K W A A D I G A S I M V Y X K A A Ç Ã R U E E T 6 Y
I S L P P M O P E M D Q A O U M V I B S O S B V V U S I L S U W
P L S Ç A S K H I I B A U Q B S M B S U A B S S S Q I Y O O S N S
A C I Ã A S I S M I O Y B B G G H I I I S O O W U T Y I A L S U O W
R P R O G R E D I R A E S D V E E L S E V E V O L U I R S V X Y C

Respostas: [illegible]

Programa das festividades de inauguração do Centro Social da Energia Elétrica em Sarzedo

Dia 23 de dezembro de 1962

Às 16:00 horas - Benção e inauguração do Centro Social do Distrito de Sarzedo por sua Excelência Reverendíssimo D. Serafim Fernandes de Araújo, Bispo auxiliar de Belo Horizonte.

Às 16:15 horas - Missa celebrada por sua Excelência D. Serafim Fernandes de Araújo.

Às 17:00 horas - Inauguração e benção da luz elétrica para Sarzedo, respectivamente, pelo senhor César Fonseca e Silva, D.D. Prefeito Municipal de Betim, e por dua Excelência Reverendíssima D. Serafim Fernandes de Araújo.

Às 17:30 horas - Apresentação de diversos números artísticos pelos alunos das Escolas Reunidas "Professor Ernesto Carneiro Santiago", da localidade.

Às 18:00 horas - Churrasco oferecido pela população do Sarzedo aos visitantes.

Às 20:00 horas - Hora dançante na sede do centro social inaugurado.

EMANCIPAR É DIZER SIM

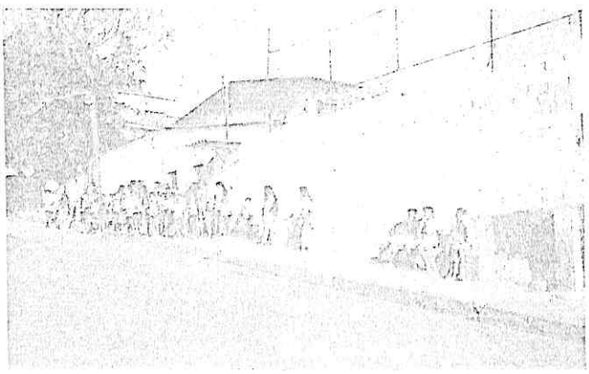
CENTRO SOCIAL + FUTEBOL

População constrói o Centro Social

O dia 23 de dezembro está marcado na história de Sarzedo. Neste dia, no ano de 62, às 16 horas, era inaugurada a sede do Centro Social, com a bênção de D. Serafim Fernandes de Araújo, àquela época, arcebispo auxiliar de Belo Horizonte.

Construida sob a liderança do Frei Eduardo Copray, a sede do Centro Social é resultante do trabalho conjunto da população. Isso mesmo. Mais uma vez os moradores puseram as mãos na massa e enquanto descansavam carregavam os tijolos que edificariam o local que serviria a toda a população, por muitas décadas.

Desde sua criação o Centro Social é um local onde se realizam eventos que promovam o bem-estar da população. Nele acontecem os bailes, as horas dançantes os teatros e também as reuniões e cursos técnicos de quentado pelos habitantes de Sarzedo.



FUTEBOL

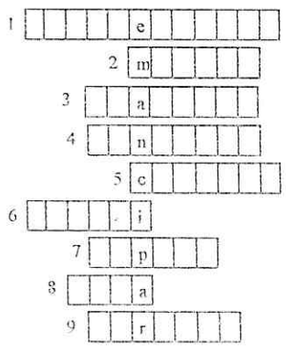
O Brasil é o país do futebol, e em Sarzedo esta modalidade esportiva também tem seu lugar.

O terreno onde hoje é o campo de futebol foi comprado pela prefeitura e doado ao povo. O imóvel pertência ao Sr. Manoel Pinheiro da Silva. A escritura foi passada em nome de Sarzedo Esporte Clube, que tinha como técnico Eloy da Cruz, Mário Cardoso e Jesus (Mato da lenha) foram uns dos primeiros jogadores.

Hoje o Sarzedo Esporte Clube conta com uma diretoria dinâmica, atuante, cheia de garra e trabalhadora. Ela não mede esforços para promover o crescimento do clube e do esporte, sempre tendo como alvo o futebol.

O retrato de seu futebol é um futebol fortalecido, cheio de técnica, e agora o clube investe na natação. A conquista do clube de natação foi feita por um grupo de pessoas de comunidade.

CRUZADINHA



XXXXXXXXXXX

1- um dos dezenove bairros de Sarzedo.
2- cônsul (?), escola do bairro Engenho Seco
3- A escola Juscelino Dias Magalhães está situada no bairro(?).
4- Número aproximado da população de Sarzedo
5- Vegetação predominante em Sarzedo.
6- Franklin (?), doador do terreno do hospital.
7- Frei Eduardo(?), primeira pessoa a trabalhar a idéia de se fazer um hospital no distrito de Sarzedo.
8- Elemento químico, fonte de vida, de saúde, atração turística de Sarzedo.
9- Córrego formado pelas águas da represa da petrobrás, onde se encontra a Cachoeira Santa Rosa de Lima.

LAZER

Água também é lazer

A água é fonte de vida, de saúde e também uma das belezas naturais do distrito de Sarzedo, onde ela se torna - e por que não? - Fonte de lazer . É verdade. Pois ela é reponsável por levar turistas de várias localidades a Sarzedo, para se banhar na cascata e na cachoeira de Santa Rosa de Lima .

A cascata é uma formação do córrego Boa Vista, que nasce no pintado, passando pela Boa Vista, e João Leite. Já no Córrego Sarzedo, formado pelas águas de represa da petrobrás, encontra-se a cachoeira Santa Rosa de Lima. E o córrego engenho seco, que atrvessa o centro de Sarzedo, não pode ser ultilizado por ter suas águas poluídas pelo minerio.

É importante ressaltar que há outros fatores que favorecem a atração turística, como, por exemplo, a localização privilegida, o clima e a vegetação. Além , é claro, do fácil acesso, pois Sarzedo é uma localidade próxima, servida por várias linhas de ônibus. Esses elementos estão diretamente ligados e sua ação conjunta proporciona maior bem-estar à população.

Sarzedo é uma localidade de planalto, muito acidentada, que conserva sua beleza própia. Sua serra principal é a da Boa Esperança, onde se encontra o Pico dos três Irmãos, que é seu ponto mais elevado.

A principal estrada que liga Sarzedo a Belo Horizonte e à Brumadinho é a Rodovia MG-040, para Betim, o acesso é feito pela rua São Lucas, juntamente com a estrada João Leite. Sarzedo encontra-se a oeste de Ibirité, estando bem pertinho de sua sede, a aproximadamente 8 quilômetros.



SIM A EMANCIPAÇÃO. EMANCIPAR É EVOLUIR

HOSPITAL

A conquista do Hospital

Até junho de 68, antes da inauguração do Hospital Franklin Landi, os sarzedenses que precisassem de assistência médica - com urgência ou não - podiam optar por Belo Horizonte ou Brumadinho, município mais próximos. De Belo Horizonte a Sarzedo são 38 quilômetros e deste distrito a Brumadinho, 20 quilômetros. Imagine as dificuldades desta época lembrando-se de que isso acontecia em 68, quando a precariedade do transporte urbano, por exemplo, era muito maior.

Avaliando todas essas dificuldades, Franklin Landi doou um terreno, em 66, para a construção de um hospital que atendesse a região.

Nem o estado nem a prefeitura deram verba para a construção desta obra. A contribuição foi feita pelo Lions Clube Inconfidência, que tinha àquela época como presidentes Carlos Eugênio Thiban, Pedro Costa Neto , Paulo Cruzeiro (falecido) e José Costa (diretor presidente do "Diário do Comércio" falecido este ano). Também o Centro Social teve seu lugar de destaque como colaborador desta iniciativa. A ele coube o papel de difundir a proposta de criação do hospital e conseguir adeptos que ajudassem financeiramente.

Dessa forma, mais uma vez a população entrou em campo e contribuiu como pode.

A inauguração do hospital se realizou no dia 8 de junho de 68, com a presença de D. João de Resende Costa, toda a diretoria do Lions Clube Inconfidência, representante do secretário de saúde estadual e a população de Sarzedo. O hospital recebeu o nome de Franklin Landi em homenagem ao doador do terreno, que também ajudou na sua administração. O fim da construção foi em 1.969.

Primeiros atendimentos

A iniciativa de se construir um hospital para Sarzedo foi do frei Eduardo Copray. Durante a construção, ele conseguiu uma equipe médica cletiada pela doutora Maria Tófani, que não somente atendia a população aos Sábados como também orientava sobre a construção.

O primeiro médico foi o Dr. José Rocha, hoje ocupando um cargo de chefia do INSS: Eunice e Iraci foram as primeiras enfermeiras. A primeira cesariana foi feita em D. Nicolina, pelo Dr. Márcio Grossi. Os atuais médicos do hospitais são os doutores:

Márcio Flavio B. Grossi, Paulo Telles da Silva, Bertulino Neto Cruz Lucena , João Batista de Faria,

Eduardo Rabelo de Abreu, José Afonso de Oliveira Júnior.

Paulo Stuart de Almeida Gonçalves, Hercules da Cruz e Arlete Gomes Magalhães.



O hospital nos dias atuais

O hospital começou o atendimento credenciado com o INPS (atual INSS) e com o fundo rural, que forneceram diversos materiais cirúgicos e maquinários. Ele foi credenciado para atender os casos de maternidade e pediatria. Mas para suprir a falta de assistência médica na comunidade atende a outros casos, exceto ortopedia, pela falta de recursos necessários.

Atualmente o Franklin Landi possui 49 leitos assim distribuídos:

8 leitos para pediatria , 8 para obstetrícia e ginecologia , 27 para clínica médica , sendo um leito para adulto e o outro para criança ;

Para o atendimento à população o hospital conta com um amplo quadro de funcionários:

Funcionários 45
Farmacêuticos 01
Médicos 15
Enfermeiros 01
Bioquímicos 01

Atualmente são atendidos de 1300 a 1600 consultas por mês no ambulatório. Se você não o conhece, o hospital possui:

Berçário: alojamento conjunto + 6 berços de apoio
Efermaria de pré-parto: 01, com 3 leitos
Bloco cirurgico: 01 com duas salas
Sala de parto: 01
Sala de enfermagem:01
Apoio diagnóstico: Laboratório, ECG, RX (fotex)
Serviço de apoio hemoterápico: Hemominas
162 internações
05 consultórios
Total de leitos: 54

Há previsão de ampliação do número de leitos para cirurgia para quatro e de prestação de serviços de ultra-sonografia. Em Sarzedo, dois postos de saúde servem à população. Um está localizado no centro, á rua Santa Rosa de Lima, e o outro, no bairro Brasília. Eles são muito bem equipados.

VAMOS EMANCIPAR SARZEDO

Um povo só será feliz se for livre
Vamos nos libertar de Ibiritê
Vamos crescer, vamos ser felizes
vamos enfim respirar ares mais alegres
tudo isso irá acontecer muito em breve
Só depende de você
Basta ir às urnas e votar SIM no dia do plebiscito.
Emancipar é progredir, crescer, desenvolver, é trabalhar com os seus próprios recursos.
Isto é, os impostos ficam na própia cidade, podendo assim fazer os
melhoramentos que são necessários.
Com isto você não terá mais que viajar para resolver seus problemas com a prefeitura,
Cemig, Copasa, Banco,
Delegacia, Saúde e Educação.
Teremos tudo que uma cidade tem aqui em Sarzedo!
Afinal quem não quer ser livre?
Emancipar é libertar, emancipe-se,
liberte-se, vote SIM NO PLEBISCITO DA NOSSA CIDADE E DA NOSSA LIBERDADE.

ESCOLA

A história da Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro Santiago...

Você conhece a Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro Santiago, aquela situada na Vila Satélite? Ela foi construída num terreno doado pelo farmacêutico Onesimo Veneroso Camardelli e seu antigo nome era Escola Rural Mista de Sarzedo. Hoje ela é integrada da rede estadual de ensino de Minas Gerais, com ensino para 1º e 2º Graus. A Escola Rural Mista foi instalada no governo de Artur Bernardes.

Em 1921, a escola funcionava em um prédio com uma sala e demais dependências, tendo como professora Maria Camardelli. Nesta época a vila de Sarzedo pertencia ao distrito de Ibirité e este ao município de Santa Quitéria, hoje Esmeraldas.

Com a Lei 148, de 17 de dezembro de 1938, o distrito de Ibirité passou a pertencer ao município de Betim. O número de habitantes da Vila de Sarzedo crescia e, consequentemente a população escolar também aumentava. Assim, em 1954 foram alugadas três salas de aula e por ato expedido pela Secretaria de Estado da Educação em 30/06/54 a escola foi elevada à categoria de Escola Reunida Professor Ernesto Carneiro Santiago, cujo nome é uma homenagem ao inspetor regional de Esmeraldas.

O distrito de Ibirité se emancipou administrativamente e no dia 31 de dezembro de 62 foi instalado oficialmente o município de Ibirité. Dois anos mais tarde, inaugurava-se um prédio pré-fabricado, de estrutura metálica, com quatro salas de aula e demais dependências, em uma área mais centralizada, localizada à rua Eduardo Cozac, doada ao Estado pelo Sr. Fausto D'Moro.

GINÁSIO

O ginásio foi formado em 1964, pelo Frei Eduardo Copray, que tinha como objetivos capacitar pessoal na área técnica para trabalhar na Petrobrás. O próprio nome - Ginásio Industrial de Petroquímica - já era um cartão de visita para os candidatos a aluno. O Frei Eduardo tentou fazer um convênio com a Petrobrás, mas, por motivos desconhecidos, o convênio não se realizou. E o ginásio funcionou durante um ano, através de campanhas. Os primeiros professores, Frei Eduardo Copray, Professor Leo Franklin Landi, conseguiram duas salas emprestadas do prédio estadual, onde davam suas aulas.

Em 1970, o Frei Eduardo passou o ginásio para a responsabilidade de Wilson Cardoso Brandão, que o ampliou. Ele construiu um prédio com quatro salas e uma secretaria e a escola era particular. A média de alunos girava em torno de 242 e o cargo de secretária era ocupado por Romilda Garcia Brandão.

Vamos percorrer a história do ginásio e ver como foi seu desenvolvimento suas dificuldades nas décadas de 70 e 80, até chegar nos dias atuais?

1971 - O prédio já não comporta mais o número sempre crescente de alunos. O corpo docente, mais colaboradores da comunidade, liderados pela diretora Nilza Gomes Bergman, promovem uma campanha e a quinta sala de aula é construída.

1976 - Mesmo funcionando com três turnos diurnos, com 15 classes para atendemento aos alunos de 7 a 14 anos, esgota-se toda a capacidade de atendimento à população escolar, e a diretoria solicita urgentes providências no sentido de se construir um novo prédio com 12 salas de aula e demais dependências, para atendimento aos alunos de 1ª a 8ª série.

1978 - Para efeito de identificação tipológica, o secretário de Estado da Educação de Minas Gerais, através do Decreto 19.472, de 17 de outubro de 1978, classifica a Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro Santiago Tipologia 020A, a partir de 1º de outubro de 78.

1982 - São precárias as condições físicas do pré-fabricado. Aguarda-se a construção de um novo prédio, uma vez que a Prefeitura Municipal de Ibirité conta com uma área de 5000 m2, doada ao Estado pela Sra. Irene Pinheiro de Resende, para esta finalidade.

1985 - No dia 24 de fevereiro era inaugurado o novo prédio, construído pela Carpe, com 12 salas de aula e demais dependências. A escola, então, Carpe, com 12 salas de aula e demais dependências. A escola, então passaria a tender ao 1º grau, num processo gradativo, com matrícula a 5ª série em 1985. A comunidade e o prefeito de Ibirité, Paulo Telles, reivindicaram extensão de série até a 8ª, para os alunos da escola particular "Ginásio Industrial de Petroquímica" de Sarzedo e outros que estavam sem estudar. Em 09/03/85 sai a publicação no "Minas Gerais" da autorização do secretário estadual para extensão de 5ª a 8ª séire.

1988 - Inicia-se o curso de 2º grau sem habilitação, autorizado pelo Decreto 26.620, de 13 de março de 1987.

1994 - O curso de Magistério é solicitado pela comunidade juntamentwe com a diretora Maria José do Amaral Maia e o colegiado. A autorização foi publicada no "Minas Gerais", iniciando-se em 03 de março de 1994, com 62 alunos.

Outras escols municipais de Sarzedo

Escola Juscelino Dias Magalhães - Bairro Brasília
Escola Eva Fernandes Caldeira - Bairro Imaculada Conceição
Escola José Batista Filho - Bairro Jardim Vera Cruz
Escola Cônsul Manoel - Engenho Seco

EMANCIPAR É PROGREDIR

X SIM

VOTE SIM PELA EMANCIPAÇÃO DE SARZEDO E REGIÃO

Você sabia?

* A primeira rede de esgoto implantada em Sarzedo foi na rua Eduardo Cozac, em parceria entre moradores, Prefeitura e Itaminas. Os moradores doaram os materiais, a Prefeitura forneceu a mão-de-obra e a Itaminas, o maquinário.

* Os sarzedenses Franklin Landi, Ermelindo Cardoso, Norendino Rodrigues, Antônio Afonso Magalhães e Aymar Rocha fundaram a Telisa, em Ibirité, com a finalidade de facilitar a instalação direta de telefones em Sarzedo pela Telemig.

* A primeira pessoa a trabalhar na construção do Hospital de Sarzedo foi o Frei Eduardo Copray.

* O ato de criação da Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro Santiago data de 30 de junho de 1954.

* Sarzedo limita-se coma as comunidades de Bom Jardim, Onça, Bandeirinha e Engenho Seco.

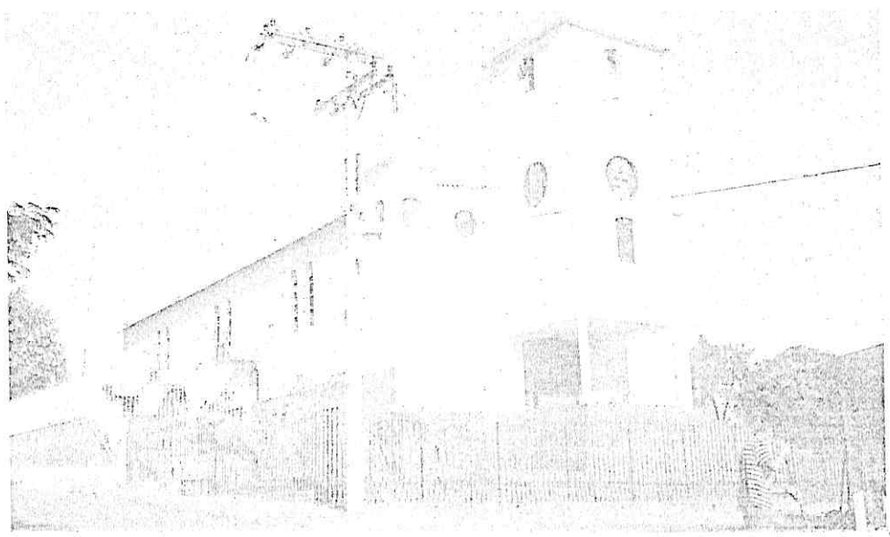
* Uma região com um bom saneamento torna uma cidade saudável.

* O maior bairro de Sarzedo é o Brasília.

* A energia elétrica chegou em sarzedo em 23 de dezembro de 62.

* Que Sarzedo possui uma população aproximada de 20 mil habitantes distribuída em 19 bairros? São eles: Brasília (1ª e 2ª seção), Santo Antônio, Aleixa Ferreira, Santa Cecília, Jardim Vera Cruz, Jardim Planalto, Santa Mônica, São Joaquim, Santa Rosa de Lima, Santa Rita, São Pedro, Imaculada Conceição, Cachoeirinha, Manoel Pinheiro, Jardim Anchieta, Cinira de Freitas, Sítio Ceará, Engenho Seco e Vila Satélite (1ª e 2ª seção).

RELIGIÃO



A construção da Igreja Católica

A maior parte da população de Sarzedo pertence à Igreja Católica Apostólica Romana. E a história do primeiro movimento organizado para construção de uma igreja que recebesse os fiéis católicos data de 1935. A comissão foi liderada por Antônio Afonso Magalhães, com adesão da população, resultando em uma belíssima igreja que atendeu ao distrito de Sarzedo durante 42 anos.

A Igreja recebeu o nome da padoreira, Santa Rosa de Lima. Os habitantes aumentavam gradativamente e a pequena igreja já não comportava mais os fiéis. Assim, o padre José Campos Taitson organizou uma comissão para a construção de uma nova igreja, mais ampla e mais central.

Para a construção da igreja foi adquirido um terreno equivalente ao tamanho de três lotes de Jove Soares Nogueira Júnior, ex-proprietário da Vila Satélite. O terreno foi vendido por Cr$9.000,00 e ele doou Cr$500,00 para ajudar na construção, para colaborar coma compra do imóvel, Antônio Afonso Magalhães e Franklin Landi participaram com a doação de Cr$ 500,00 cada.

Depois de aprovada a planta, deu-se início à construção e toda a população colaborou. Inclusive, a comissão designada para a construção foi formada por varias pessoas da comunidade.

O início da construção da nova igreja deu-se em 1977. No dia 2 de setembro do ano seguinte era inaugurada, com a celebração do Sacramento do Crisma, por D. Arnaldo, na época, bispo da arquidiocese de Belo Horizonte, juntamente com o padre José Campos Taitson, que celebrou a primeira missa a quase 500 fiéis.

Esta igreja se encontra no centro de Sarzedo e preserva o mesmo nome da igrejinha, Santa Rosa de Lima. Logo que a nova igreja estava em condições de ser usada, demoliram a antiga, deixando a população de Sarzedo pesarosa.

Obras do Padre Nêmio

Em 86, construiu-se a Paróquia Santa Rosa de Lima e o primeiro pároco foi o Padre Nêmio José de Oliveira. O padre foi para a comunidade em 87, e nem esforço conjunto com os sarzedenses muitas obras foram realizadas, como a construção da Casa Paroquial; reforma da Matriz; criou e administrou (durante o período em que esteve à frente da paróquia) a creche Recanto Feliz, no Bairro Brasília, o maior de Sarzedo; foi professor da Escola Etadual Ernesto carneiro Santiago criou o grupo de jovens e o grupo de casais. Esteve à frente das construções e administração das Igrejas Senhor dos Passos (Bairro Brasília), Nossa Senhora da Piedade (Bairro Imaculada Conceição), Nossa Senhora Aparecida (Bairro Jardim Vera Cruz), São José de Anchieta (Bairro Jardim Anchieta) e outras mais no distrito de Mário Campos.

O padre Nêmio ficou em Sarzedo de 15/02/87 a 26/04/93 e durante este período ele assistia também a comunidade de Mário Campos, o padre celebrava missa em todas as capelas dos dois distritos e também Bom Jardim e Engenho Seco. Em 91, ele colaborou na organização e conscientização do processo de emancipação, o que hoje está sendo feito pelo padre Pedro de Spuza Pinto.

Em Sarzedo também existe pessoas se dedicando à Assembléia de Deus, Maranata, Deus é Amor etc., com os templos sendo construídos por eles.

VAMOS EMANCIPAR

ITAMINAS

Itaminas contribui para o progresso...

A riqueza do subsolo de Sarzedo atraiu a implantação, neste distrito, da Companhia Itaminas Comércio de Minério S/A. Desde 68 a empresa começou a explorar o minério de ferro. Nesta época, a Itaminas possuía apenas uma jazida, na Fazenda do Engenho Seco. Hoje é sete o número de jazidas, sendo três em Itabirito. O transportte do minério, em Sarzedo, é feito pela estrada Engenho Seco.

A Itaminas foi criada em 1958, no Rio de Janeiro, com os mesmos objetivos que hoje a caracteriza: exploração de minério de ferro. A empresa é 100 % brasileira, assim como seus diretores, técnicos e operários, e seu capital é inteiramente nacional.

A Itaminas representa para a comunidade sarzedense um ponto sólido propagador de crescimento. O fato de estar sediada em Sarzedo contribui para a divulgação do nome do distrito, além de absorver grande quantidade de mão de obra da localidade. A geração de emprego para Sarzedo representa crescimento. Quanto maior o número da população ativa, trabalhando, melhor o seu nível de vida e da cidade, nos aspectos econômico, político, social e cultural.

Atualmente, a Itaminas tem em seu quadro de funcionários um total de 240 empregados aproximadamente e dezenas de carreteiros. Um dos seus primeiros operários foi o Sr. Almerindo Sales e Gonçalo Lucindo Filho (Silvão) e o primeiro carreteiro, o Sr. Pedro Campidelli.

A Itaminas encontra-se a 4,5 quilômetros do centro de Sarzedo, onde está localizada a estação ferroviária.

Responda rápido

1) - Qual a função de Nêmio José de Oliveira na Comunidade?
2) - Diz-se daquele que é natural ou mora em Sarzedo.
3) - Eduardo (?) rua em que foi instalada a primeira rede de esgoto em Sarzedo.
4) - Escola Estadual Professor Ernesto Carneiro (?).
5) - Um dos meios de comunicação
6) - Criada por moradores, para facilitar a instalação de telefones em Sarzedo.
7) Número de postos de saúde existente em Sarzedo.
8) Nome de uma das empresas de ônibus que serve a população de Sarzedo.
9) - Para Sarzedo se emancipar, é necessário (?).

Respostas: Cachoeirinha, Mamoré, Brasília, Vinte mil, Cerro-do, Lama, Copray, Água, Sarzedo, padre, sarzedense, Cozac, Santiago, correio, Telsa, Dois, Turlessa, Volvo.

EMANCIPAR É EVOLUIR.
A OPÇÃO AGORA É SUA!

Esta é dona Eva

Em 1.903, nascia a menina Eva Fernandes Caldeira, filha do Sr. Francisco Gualberto Caldeira e de dona Leonor Nogueira Penido, parteira, gente simples e humilde, que viviam ali pelas bandas da Serra da Moeda.

A menina Eva, comportada, amiga de seus amigos e, também simples e humilde, desde muito jovem passou à ajudar sua mãe à criar seus irmãos, mais novos. Foi com sua mãe D. Leonor, que a jovem Eva aprendeu a arte de trazer vidas ao mundo.

A menina Eva, agora menina moça, prendada, conheceu aos dezeito anos, o seu primeiro amor, ele, jovem lavrador, forte e inteligente, o ideal de homem, para uma moça prendada e senhora. Orozimbo Moreira de Oliveira era seu nome. Nascido pelas bandas de Varzea do Patanal - hoje Ibirité - MG, foi para Moeda tentar a sorte, isto em 1.917. Em 1.921 o jovem casal contrai matrimonio, no civil e no religioso, como manda a tradição. O jovem e feliz casal, à procura de novos horizontes, muda-se para Ibirité, precisamente Sarzedo, terra natal do jovem Orozimbo. Agora estamos em 1.923, aquela menina, agora é conhecida como dona Eva. Dona Eva, com consentimento e compreenção do marido Sr. Orozimbo, passa à exercer uma das mais belas sublimes e digna



profissões, não como profissão, pois, por esta atividade, não cobrava-se um tostão. Dona Eva parteira, Eva Fernades Caldeira, a nossa vó Eva, percorreu toda a nossa região, com sol, chuva, dias e noites, era no lombo do burro, no carro de boi, à pé ou de trem. Nos trens D. Eva não precisava de bilhetes, pois quando estava na plataforma da estação os maquinistas já iam parando - Aquela é a D. Eva a parteira!

Quando D. Eva era chamada para assitir a um parto, no qual a mãe não dispunha de recursos, esta era levada para sua própia casa, ficando ali até estar em condições de cuidar de se própia e de seu filho. Quando o casal dispunha de recursos às vezes a presentiava, com um franguinho, um queijo ou qualquer outra coisa que houvesse no quintal. D. Eva teve vinte e cinco filhos naturais e criou outros cinco (05) que não eram seus. Foram quase cem netos e mais trezentos afilhados. Dos setenta e três anos de vida, sessenta foram dedicados a caridade. Em 1.976 Deus privou de sua companhia. Hoje Sarzedo faz uma justa HOMENAGEN a esta que sempre foi a primeira a nos homenagiar com fraternal tapinha em nosso bumbum obrigado Dona Eva!

EMANCIPAR É PROGREDIR

X SIM

VOTE SIM PELA EMANCIPAÇÃO

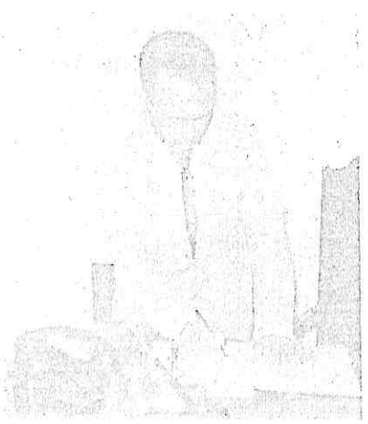
DE SARZEDO E REGIÃO

Vultos importantes



Sr. Antônio Affonso Magalhães

Um grande colaborador, de maneira em geral em nossa comunidade, principalmente na construção da primeira igreja, primeiro prédio escolar, Centro Social, hospital, salão de São Vicente. Foi Juiz de Paz durante o período de 1.995 / 1.980, comerciante conceituado, faleceu em 1.988.



Sr. Ermelindo Cardoso

1° vereador do distrito, durante 6 legislatura Betim e Ibirité, chefe de Estação de Ferro, também participou na construção de igreja, centro, hospital e escola. faleceu em 1.985

Sr. Frohila Laodi

2° Escrivão de Paz do distrito de Sarzedo, exerceu as funções de 1.958 / 1.982, Professor no ginásio de Ibirité e Sarzedo. Colaborou na fundação do ginásio. Doador do terreno para a construção do hospital, administrou o hospital desde a sua inauguração Idealizador das conquistas da água, luz, centro social, ginásio, hospital. Salão São Vicente, etc., faleceu em 1.986.





Sr. José Batista Filho

1° subdelegado do distrito de Sarzedo, ajudou também na água, luz, centro social, hospital, igreja, etc.; Guarda chave da E.F.C.B, e 1° tesoureiro do centro social. faleceu em 1.973.



Frei Eduardo Copray:

o principal idealizador e do desenvolvimento da nossa comunidade conseguindo água, luz, salão de São Vicente, centro social, ginásio e a obra maior hospital, junto com todos outros já citado e a população em geral. hoje professor da universidade.

NÃO DURMA NO PONTO. CHEGOU A SUA VEZ DE PARTICIPAR!

E então amigo, gostou da viagem?

Viu como você é importante? E se não fosse a sua colaboração.... se não fosse o povo se unir não teríamos em Sarzedo tudo isso que o distrito nos oferece. Se você observar, de 1935 até os dias de hoje o crescimento chegou a Sarzedo através do trabalho da sua população. Veja só:

Obras feitas pela comunidade

* Construção da igreja;
* Construção do Salão de São Vicente;
* Construção do Centro Social;
* Construção do Hospital Franklin Landi;
* Construção da sede do antigo ginásio;
* Construção da Igreja de Santa Rosa;
* Construção da delegacia de polícia;
* Construção do clube de futebol (sete)
* Instalação da primeira rede de esgoto;
* Construção da caixa D' água com canalização;
* Luta pela instalação de energia életrica;
* Reivindicação de postes de luz;
* Reformas em geral das obras.

Obras feitas pelo poder público

* Calçamento de má qualidade em algumas ruas;
* Asfaltamento das ruas centrais;
* Instalação da rede de esgoto;
* Construção do poliesportivo
* Construção das escolas municipais e estaduais
* Instalação de dois postos de saúde .

Ufa ! como você trabalhou, não é ? Mas é necessário continuar trabalhando, senão Sarzedo pára de crescer. A opção continua sendo sua!

EMANCIPAR É PROGREDIR
DIGA SIM

Histórico antes de Sarzêdo.

Antes de Sarzêdo ter este nome chamava-se "Cachoeira de Santa Rosa".
Esta denominação era devida porque existia nela uma grande queda d'agua, volumosa e bastante barulhenta que por isto recebeu o nome de Cachoeira Fragosa. Para se ter uma ideia de como era volumosa, podemos dizer que suas águas hoje estão reduzidas três vêzes menos.
Nas proximidades desta cachoeira, onde hoje é a Fazenda do Sr Hamilcto Magnavacca foi construida a sede da fazenda. Era uma belissima construção que se ainda hoje existisse seria tombada pelo Patrimônio Público, pelas obras de arte contidas nela.
Toda a madeira empregada em sua construção era de lei; seu teto e paredes pintadas de dourado.
Seus cômodos amplos e numerosos.
No interior da casa sede existia uma rica e bela Capela onde ficava a imagem de Santa Rosa de Lima. Fazia parte da fazenda uma senzala com a capacidade de abrigar 30 escravos. Como benfeitoria desta fazenda existiam as construções onde ficavam o engenho de

ferro, casa de máquina de fazer farinha e casa de máquina de fazer café, grandes depósitos para armazenar os produtos produzidos e colhidos na fazenda.

As máquinas eram movidas a água.

Diziam, os mais velhos, que toda madeira empregada nas construções foi cortada no mesmo lugar onde ficavam as benfeitorias.

Para se ter uma idéia da extensão da fazenda da Cachoeira de Santa Rosa daquela época, posso dizer que é igual ao terreno ocupado hoje por todas as vilas de Sarzêdo. Estão dentro do seu perímetro as fazendas do Sr. Hamleto Magnavacca e do Sr Geraldo Pena; os sítios de Padre Elmar Rocha, de Serafim Starling, de Levy Pinheiro, de José Cunha, de José Gomes, de Joaquim Luiz Gomes, de José Luiz Filho Pinheiro da Silva; todos os terrenos da fazenda de Manoel terras de Frederico Bergman e uns 30 alqueires de terra que me pertencem.

Esta fazenda pertencia a meus bisavós maternos. Naquela época as dificuldades eram muitas e

meu avô foi obrigado a hipotecá-la pela importância de nove contos de réis. Os juros foram acumulando-se e não foi mais possível levantar a hipoteca.

Então a fazenda foi entregue a família Ferreira Passos, de Nova Lima.

Antônio Magalhães

Recordações de minha vida até a idade de 16 anos.

Sou descendente de uma família, que até certo tempo, foi uma família singular.

Meus avós paternos possuiam uma pequena fazenda, onde nasci. A sede da fazenda era uma casa grande, tinha muitos quartos, uma máquina de fazer farinha, outra para beneficiar café e dois moínhos para o milho, movidos à água. Havia também um engenho para moer cana, fazer açucar e rapadura, tocado à boi.

A família era constituida de seis filhos, sendo cinco homens e uma mulher.

Meu pai era o filho mais velho. Casou-se com a idade de 18 anos e minha mãe com 16 anos. Construiram sua morada perto da casa dos meus avós paternos.

À medida em que os outros irmãos de meu pai casaram-se, também construiam suas moradas próximas à sede da fazenda. Assim, as 6 moradias formaram um círculo em volta da casa de meu avô.

Dentro do círculo restou uma área de 5 hectares de terra, onde estavam o engenho e os dois moínhos. Aí, criavam-se porcos em comum. Os porcos pareciam emendos, nenhum invadia a casa do vizinho. Na hora de tratá-los, seus donos os chamavam com sinais diferentes.

Nesta comunidade só existia trabalho, honestidade entre os irmãos e muita alegria.

A vida no tempo de meus avós, pais, e um pouco da minha era completamente diferente de hoje.

Não havia médicos principalmente nas zonas rurais. O povo era o próprio médico. Todos ensinavam alguma coisa para as doenças diversas.

Charlatões recomendavam somente raízes, folhas e outros engredientes. Assim, o povo ia vivendo. Não existia esses venenosos compromidos sedativos, não existia injeção de antibióticos, que hoje melhoram uma doença, mas arrasam o organismo. Esses tranquilizantes debilitam o coração, o intestino e atacam os nervos.

Naquele tempo, todos viviam tranquilamente sem esses medicamentes.

Não havia saúde pública, a higiene era muito relativa, não havia sanitários, água filtrada, nem banheiros. O povo tomava banho em bacias e nos ribeirões.

Quando a pessoa estava com dor de dente ou dor de cabeça, o recurso era tomar um purgante de azeite de mamona e um cataplasma de mostarda na perna ou no braço. Não havia dentista e tão pouco farmácia.

Assim mesmo, o povo vivia muitos anos. Meu avô viveu 98 anos, meu pai 94 anos, meu tio 92 anos, minha tia 85 anos; só treis tios faleceram com cinquenta e poucos anos, porque eram bastante extravagantes.

Certa vêz, minha mãe teve um panarício na mão, foi mais de um mês de sofrimento. Ela gritava dia e noite com aquela dor.

Meu pai soube que havia um homem que lancetava; mandou buscá-lo. Êle chegou, examinou a mão de minha mãe, nós éramos ainda pequenos, e nos pediu para pegarmos uns grilos. Nós saímos procurando os buchos embaixo dos paus e pegamos alguns. Êle pediu uma colhêr de cêra e um pouco de azeite de mamona; pôs a cêra, misturou os grilos e fritou. Depois desta pasta e colocou na mão diante da minha mãe. Daí umas 2 horas o panarício estava no ponto de ser lancetado. Foi o que êle fêz: pegou a lanceta e deu um corte profundo.

Minha mãe desmaiou, aliviada dormiu o dia e a noite.

A alimentação era farta, ninguém sabia o que fazia ou não mal. Comia-se muita carne de porco, boi e peru. Os riberões eram infestados de peixes, onde todos pescavam muito. Havia, também, as caças do mato: paca, cotia, veado, tatu, muitos pássaros e porco do mato.

Assim, o povo se alimentava à vontade. Havia muita laranja, pambo, jabuticaba, bananas à vontade, peras, maçãs, abacate, abacaxi e fogo. Havia também muita fruta do mato: araticum, araçá, gabiroba, cagaiteira e outras; que todos apanhavam com fartura.

Naquela época, havia homens que apostavam em quem comia mais. Apostavam

eram dados.

Todos os 6 irmãos eram semi-analfabetos, mas possuíam uma educação de berço. Tanto as pessoas ricas como as pobres tinham uma verdadeira admiração por esta família.

Quando alguma pessoa desvalida morria, eles faziam o enterro e não pediam ajuda à ninguém. Se a filha de um dos empregados casava-se, eles realizavam o casamento com uma grande festa.

O primeiro neto, que nasceu, foi o meu irmão (somos só dois irmãos), depois foram nascendo os outros primos.

Eu nasci, em 7 de março de 1960. Éramos 15 primos, fomos crescendo juntos e seguíamos o mesmo ritmo de vida dos nossos pais. Entre nós, não havia briga. Se, por acaso, ocorresse alguma briga entre nós pelos caminhos ou no trabalho, não podíamos contar para os nossos pais; pois se contássemos a surra era certa.

Naquele tempo não existia escola, eletricidade, rádio, futebol, nem automóvel. Nós não conhecíamos circos de cavalinhos. O divertimento era fazer os nossos próprios brinquedos. Fazíamos carros, rodas d'água, armadilhas para pegar coelhos, tatus e pássaros, fazíamos espingardas de bambu e outras brincadeiras.

A vida era muito trabalhosa, mas muito saudável e divertida.

Quando era semana santa, meus pais

e tios, alugavam duas casas no arraial, que ficava distante 3 léguas.

Todos levavam seus carros de boi cheios de mantimentos, doces, biscoitos e vasilhas para cozinhar. Dá ficavam oito dias ou mais; os empregados também iam para ajudá-los.

Uma vêz, resolveram ir a cavalo até Congonhas do Campo. A distância era de umas 20 léguas; levaram também, mais arós, que já estavam bem velhinhos.

Para esta viagem nos preparamos uns dois meses antes. Fomos todos a cavalo, levando muitos animais carregados de mantimentos, roupas e alguns instrumentos para tocarmos nas horas das paradas.

O máximo que viajávamos por dia era umas 3 ou 4 léguas. No fim da tarde, parávamos em um pouso, alí passávamos a noite a cantar e a divertir. No dia seguinte recomeçavamos a marcha.

Ao chegarmos em Congonhas alugamos duas casas e lá ficamos até terminar a festa. Esta viagem correu maravilhosamente bem, ninguém adoeceu, todos voltaram satisfeitos.

Minha avó paterna parecia uma santa. Todos os dias, pela manhã, ela corria a casa de todos os filhos. Entrava por uma porta e saia pela outra, só para saber como passaram a noite. O dia em que matava porco, ela repartia um pedaço para

cada filho, retirava uma pequena parte para ela e meu avô e o resto levava para uma aldeia de 8 leprosos, próxima à fazenda. Somente depois que minha avó fazia tudo isto é que ia comer alguma coisa.

Sempre fazia a comida para ela e meu avô em umas panelas de barro, muito pequeninas, chamadas caboré. Quando eles começavam a almoçar apareciam mais duas pessoas, ela insistia para que estas pessoas almoçassem, elas aceitavam. No mesmo momento, surgiam mais três pessoas que também aceitavam o convite para almoçar. Muitas vezes almoçava um de oito a dez pessoas alimentas daqueles minúsculos caborés. Todos ficavam satisfeitos e ainda sobrava comida. Eu era um menino de 5 anos e presenciei este milagre muitas vezes, junto a outras pessoas.

Vou falar agora sobre os meus avós maternos. Eles morreram muito novos, não tive a felicidade de conhecê-los.

O meu avô foi educado no seminário de Mariana. Quando ele estava para ser ordenado sacerdote, veio visitar a família. Nesta viagem ele foi visitar uma tia fazendeira, lá ficou conhecendo uma moça que era sobrinha dele. Apaixonou-se por ela e resolveu que se conseguisse a licença casaria-se com ela.

Chegando em Mariana pediu permissão ao Sr. Bispo para que se casasse, ele concedeu-lhe a licença; assim, eles se casaram.

Desta união houve um pequeno fenômeno, nasceram 15 filhas, isto mesmo, todas do sexo feminino. Duas morreram ainda pequenas e das outras 13, algumas viveram até os 90 anos. Nenhuma nasceu com defeito físico, todas eram sadias e perfeitas.

Quando os meus avós faleceram só minha mãi era casada, de modo que meu pai ficou encarregado de zelar, por aquelas 12 moças solteiras sem recurso.

Meu pai era muito vivo, não demorou muito para conseguir casar 4 cunhadas, daí logo casou mais 3 e as outras ficaram morando uma na casa de cada cunhado.

Mais tarde, as duas mais moças casaram-se e as outras 3 morreram velhas e soltiras.

Meu pai fêz uma boa festa para todos estes casamentos.

— x —

Eu já estava com 5 anos, meu irmão com 9 anos e ainda não havia escola.
Um dia, meu pai falou para minha mãe:
— "Arruma os meninos, porque contratamos um professor e alugamos uma casa, as aulas começarão amanhã às 11 horas."

Naquela noite, eu e meu irmão não

dormimos de tanta alegria. Não era pelo motivo de irmos à escola, mas era porque durante aquelas horas, ficaríamos livres dos serviços na lavoura.

No dia seguinte, levantamos cedo e fizemos as nossas obrigações, às 10 horas saímos para a escola. Tínhamos que andar 3 quilômetros para ir e 3 para voltar. Isto não era nada para nós que estávamos acostumados a correr o dia inteiro atrás de bois e cavalos que levávamos ao curral.

Meu pai levou-nos à escola e lá falou para o professor:

— "Olha professor, quero que o senhor ensine os meninos a fazer as 4 operações, a tabuada, ler o 1º, o 2º e o 3º livro e o manuscrito."

Éramos uns 80 alunos, todos do sexo masculino. O professor era muito bravo e nervoso, quando via algum aluno fazendo qualquer traquinagem, pegava a palmatória de 7 furos e batia nas mãos do aluno até que cansassem.

Certo dia, os alunos fizeram uma arte na sala, o professor não sabia quem a fizera. Pegou a palmatória e foi batendo em todos. Havia uns 5 alunos já rapazinhos, de 16 anos. Quando o professor lhes pediu as mãos eles resolveram não dar. Então, agarraram o professor e tomaram-lhe a palmatória, dando-lhe alguns cascudos. Na mesma hora, todos os outros alunos fizeram uma enorme algazarra; subiram em cima das mesas, sapatearam,

dançaram, fizeram uma verdadeira bagunça.

Com este rebuliço todo o professor foi embora, não tivemos mais escola.

Nestas aulas, aprendemos a fazer as 4 operações, a tabuada, a ler os livros recomendados pelos nossos pais e a escrevermos uma carta. Esta carta era copiada, se mudássemos o assunto, não conseguíamos escrever nada. Não sabíamos o que era pronome, verbo, adjetivo, substantivo; não conhecíamos geografia.

Voltamos, outra vez, ao trabalho; não pegamos mais nos livros, nem na lousa para fazer contas, em pouco tempo não sabíamos mais nada.

Passados alguns meses, apareceu outro professor e começamos tudo novamente, pois já tínhamos nos esquecido do que aprendemos. Esta escola, também durou pouco, o professor foi embora e nós ficamos assim mesmo...

A nossa alegria, naquela época, era ir com meus pais e tios à cidade. Iamos com os carros de boi levando mercadorias para vender no mercado. Levávamos milho, farinha, café e rapadura.

O mercado era localizado onde, hoje, está a rodoviária. Ali existia um grande galpão onde os tropeiros e carreiros pernoitavam até venderem as mercadorias. Quando acabavam de vender, faziam compras para levarem para casa. Esta viagem durava 6 dias.

A capital era muito pequena,

não tinha calçamento, automóvel, nem bonde. A condução era um carro puxado a cavalo; havia muitas carroças nas ruas.

Quando chegávamos a Belo Horizonte, corríamos para a praça Rio Branco; ali existia um coreto, onde ficávamos brincando, subindo e descendo.

Mais tarde, veio o bonde, ia do Calafate, perto da Igreja São José do Calafate, que não existia ainda, até o bar do ponte, localizado na avenida Afonso Pena com rua da Bahia. Ali tinha uma estação.

Um dia, do ano de 1909 ou 1910, não tenho muita certeza, saímos de casa às 4 horas da manhã, para irmos numa propriedade de meu pai, que ficava a 1 légua de distância e vimos um cometa. Era o cometa Daqui que apareceu com uma pequena calda que no decorrer dos dias ia crescendo. Ele amedrontou a população, todo mundo vivia rezando e triste, ninguém tinha alegria; pois a estrela era um verdadeiro monstro. No final, atravessava do nascente ao ponte.

Ninguém sabia o que estava para acontecer; umas pessoas falavam que era o fim do mundo, outras falavam que ele ia cair no mar e ferver todas as águas. Foi uma grande festa, quando aquela estrela desapareceu.

Meu pai e meus tios eram homens que gostavam de amizade e boa convivência com todos, mas nos direitos deles não levavam desaforos p'ra casa.

Todos os vizinhos os estimavam muito, porém, dois confrontantes não viam com bons olhos a nossa família. Talvez por inveja ou despeito faziam tudo para que a amizade fosse desfeita.

Quando as criações destes fazendeiros passavam para o pasto de meu avô, ninguém os maltratava. Muitas vezes mandavam levá-los até a fazenda dos donos ou deixava-os no pasto e mandavam avisar para buscá-los. Mas, quando ocorria o contrário, os animais de meu pai e tios passavam para o pasto destes fazendeiros, eles pegavam os animais, batiam, punham fogo de pau e os deixavam sem alimentação dois ou três dias.

Certo dia, os bois do meu tio sumiram do pasto, ele os procurou sem encontrar. Então, foi até a fazenda de um desses vizinhos e lá estavam os bois presos no curral sem comida e sem água. Neste dia, à tarde, quando voltávamos da lavoura soltamos uma discussão acalorada entre dois homens. Meu pai e meus tios saíram correndo para lá; ao chegarem à fazenda viram que era meu tio e o fazendeiro, que estavam discutindo. O fazendeiro não queria deixá-lo retirar os bois; e ainda estava cobrando pela estadia dos

bois e pelo trabalho. Meu tio dizia que não paga-
ria nada porque os bois estavam até morrendo
de fome. Naquela hora, meu tio estava com
um pedaço de pau na mão, então, pulou a
porteira, encontrou-se com o fazendeiro no
curral e meteu-lhe uma porretada e retirou
os bois. Chegou um rapaz que era filho
do fazendeiro para ver o que acontecia; meu
tio lhe falou:

— "Leva seu pai para fazer um curativo
porque ele está com a cabeça quebrada."

O rapaz não respondeu nada, levou o pai para
ser medicado e lá, deu parte na delegacia.

Daí a uns três dias veio o oficial
de justiça intimá-los a comparecer na delega-
cia. Os amigos do meu pai e dos meus tios
ao saberem que eles deveriam apresentar-se na
delegacia, reuniram advogados, médicos, comerci-
antes e foram para lá. Falaram com o delega-
do que aqueles homens não deveriam ser
castigados, pois eram honestos, trabalhadores, ami-
gos de todos; e se fizeram aquilo é porque te-
nham razão. No mesmo dia, todos voltaram
sem sofrer nada.

Outro fazendeiro, prendeu as criações dos
meus tios no curral e mandou seus empre-
gados vigiarem para que ninguém os retiras-
sem. Meu pai e tios chegaram na fazenda
dele e foram logo gritando os nomes dos
empregados, fazendo brincadeiras com eles.
Todos os empregados eram conhecidos deles.

Assim, entraram no curral, abriram a porteira, retiraram os animais e ninguém falou nada.

O fazendeiro com medo não apareceu mais, daí para frente, nunca mais prenderam as criações dos meus tios.

Certa vez, numa festa de Santa Cruz, no dia 3 de maio, realizada até hoje todos os anos, num lugar muito bonito, descampado onde se reunia 2 mil pessoas ou mais, estavam presentes o delegado e dois soldados. O delegado, para engrandecer-se, mandou os soldados tomarem as facas, garruchas e outras armas do povo.

A festa estava correndo muito bem, não havia brigas, nem arruaças.

Meu tio possuía uma faca toda de prata pela qual tinha muito adereço. Ela era presa em uma corrente de prata muito forte. Quando o soldado pegou na faca para retirá-la da cintura do meu tio, levou um soco. O soldado caiu pelo chão. O outro soldado viu e meu tio o pegou pelo pescoço; nisso o primeiro soldado levantou-se e pulou em cima do meu tio. Ele o pegou com o outro braço e bateu cabeça com cabeça. Os soldados desmaiaram.

Naquele momento já tinham umas 50 pessoas em volta do meu tio perguntando o que ele queria que fizessem com os soldados. Meu tio pediu calma a todos,

Chamou o delegado e disse:

"O senhor retira seus cachorros daqui, agora, do contrário ficará pior".

O delegado chamou os soldados e sumiu com ele, a festa continuou normalmente.

Este mesmo tio gostava de brincar com todo o mundo. Numa festa, um rapaz estava com um corte de cabelo meio extravagante e meu tio passou a mão no cabelo dele e falou:

"Você está com um cabelo muito bonito!"

O rapaz respondeu:

"Não. passa a mão no meu cabelo [illegible] o seu dotor!" Então, foi mole [illegible] na cintura e retirando uma garrucha [illegible] ia, mas antes dele armar a garrucha, [illegible] já o estava segurando dando-lhe socos [illegible]

Meu pai que estava por perto disse para o rapaz: "Guarde esta arma senão vai ter arrudiamos".

Os irmãos do moço pediram ao meu tio para que o largasse, a fim de que pudessem se retirar da festa, naquele momento.

X

A vida naquela comunidade continua sem nenhuma novidade até que, em 1911 e 1912, tudo começou a ser transformado. Do dia para noite começou chegar gente de todos os lados, de todas as raças.

Chegavam carroças de burros carregadas de ferramentas e mudanças; o povo invadia

tudo. Era o começo da construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, bitolas largas rumo ao Paraopeba; parecia mais o início de uma guerra.

Daí a poucos dias já havia armazém, padaria, farmácia, quitanda. As famílias que chegavam construíam barracos de pau, cobertos de zinco. Outros invadiam casas vazias e paióis, era uma verdadeira confusão para nós que não estávamos acostumados com isto.

Todos os serviços eram feitos por braços humanos, por bois e burros. Não existia caminhão, trator, nem furadeira de pedra. As pedras eram furadas a marretas e brocas. Elas saíam da pedreira puxadas por carros de boi e carroças de burro.

Os espanhóis assentaram-se em cima das montações de pedra e os esquadrejaram até ficarem de quina viva. Faziam isto com ponteiro e martelo. Depois, aquelas pedras eram levadas para obras de arte, pontilhões, bueiros. Os espanhóis eram verdadeiros artistas.

Não havia mais paz naquela comunidade, não podíamos mais fazer nossas festas e reuniões, porque os candangos penetravam atrapalhando tudo. Havia brigas, gritos, mortes e choros; era uma verdadeira tragédia.

Meu pai e tios também adoeceram àquela confusão. Foram com seus carros de bois trabalhar na construção da estrada; puxavam pedras, areia e cimento.

Eu estava com oito anos e também entrei no serviço de tocando burro no aterro. Começava a trabalhar às seis horas da manhã e saía às cinco horas da tarde. Meu ordenado era um mil e quinhentos réis. Depois, o feitor nomeou-me encarregado dos outros meninos; meu ordenado passou para dois mil réis. Nós éramos oito e tomávamos conta de 100 carroças de burros.

Eu tinha uma conta no armazém, com o dinheiro que eu ganhava comprava bala, pão, biscoitos e doces; não sobrava quase nada.

Com esta transformação na nossa comunidade, não plantamos mais nada. Os engenhos foram morrendo no mato, acabamos não moendo mais cana e nem fazendo farinha. A criação de porcos foi acabando, não havia mais tapiocas, o povo e os animais arrasaram tudo.

Existia uma lagoa muito grande dentro do pasto de porcos, lá pescávamos muitas traíras e bagres; ela também se acabou, foi dumada, restando só para. Não existe mais aquela fartura de antes.

Em 1913, minha avó faleceu; foi um grande transtorno na família. Em 1914, acabou a construção da maldita estrada. Tudo estava arrasado, parecia que ali ocorreu uma guerra. Tudo estava destroçado, casas caindo, buracos descobertos, montões de escombros, carroças quebradas, entulhos de toda a sorte e valas enormes.

O nosso sossego durou pouco; pois neste

mesmo ano, 1914, iniciou-se a primeira guerra mundial. Com a guerra o governo não podia importar o material para fazer estradas de ferro. Quase todo o material da construção era importado da Europa; cimento, ferro, ferramentas, telhas, madeiras para construir as estações e casas de agentes. O material vinha da França, as telhas vinham embrulhadas em papel impermeável.

Em 1912, pedi a meu pai para que comprasse uma sanfona para mim. Certa vez, eu vi um senhor tocando uma sanfona e fiquei louco pelo instrumento.

Meu pai comprou e eu aprendi a tocá-la bem. Foi um grande sucesso, pois não havia outra sanfona a umas três léguas distantes.

Em 1909 um fazendeiro, nosso vizinho, ficou doente de apendicite. Aqui no Brasil, não se fazia operações de apêndice; ele teve de ir à Europa fazer a operação.
Quando ele voltou, fomos todos visitá-lo. Ele nos recebeu muito satisfeito, fazendo muito festa e nos falou:

— "Comprei uma máquina na Europa que fala e canta."

Quando ele pôs a máquina para funcionar, saímos gritando para o terreiro, morrendo de medo. Nós pensamos que

dentro daquela caixa havia um homem dódo; era um gramofone.

O enterro da minha avó foi o mais concorrido que já vi. O cemitério era distante uma légua e o caixão foi carregado pela alça até lá.

Havia um 400 homens à cavalo e mais de 300 pessoas à pé, fazendo uma fila de uma quilômetro.

O marido da minha tia era um oficial de carpinteiro de primeira. Ele fazia o caixão para todas as pessoas que morriam. Era um homem extraordinário para contar mentiras, piadas e fazer palhaçadas.

O povo gostava quando ele aparecia em algum velório, ele fazia tantas palhaçadas que naquela noite ninguém chorava. Até os parentes do defunto entravam na farra ao invés de chorar, todos riam a valer.

Certa vêz ele foi fazer um caixão para um defunto, quando foi tirar a medida do homem, parou e ficou olhando. Todos que estavam por perto observavam o que ele iria fazer. Então, ele falou para o defunto:

— "Você é muito sem consideração, eu trabalhei o dia inteiro; você morre e nem estica as pernas? Agora, como eu vou fazer este caixão? Com estas pernas encolhidas o caixão vai ficar uma marmota. Você não sabe, que é obrigação de defunto morrer e espichar as pernas?"

Ele era um homem corpulento, então subiu em cima das pernas do defunto. Os ossos foram estalando até as pernas ficarem esticadas. Depois, ele falou:

— "Agora sim, vou fazer um caixão caprichado, onde você poderá se acomodar muito bem".

Aí todos deram aquela risada. Naquela noite, ninguém ficou triste, pois ele não parou de falar besteiras o tempo inteiro.

Eu conheço este homem somente ao compadre Bilamiro.

Era costume, quando morria uma pessoa da família, fazer uma ceia à meia noite. Matavam galinha, faziam carne e serviam pinga da boa; o povo gostava e aproveitavam nestas ocasiões.

Existia, naquela comunidade, umas cinco mulheres que não perdiam estes acontecimentos. Já chegavam na casa do morto chorando, lastimando e dizendo:

— "Este homem não podia morrer, pois ele era o pai dos pobres".

Certa vêz, o Bilamiro falou:

— "Estas mulheres hoje me pagam!"

Quando elas começaram a lastimar e chorar perto do defunto ele disse bem alto:

— "Vocês devem ajoelhar perto deste defunto e pedir perdão por aquele dia que vocês estavam roubando abóbora, melancia, e milho verde da roça dele. Eu estava

escondido e vi o falecido correr atrás das senhoras, portanto peçam perdão a ele."

As mulheres, então, falaram:

— "Você é um desgraçado, nós vamos embora, onde você está ninguém tem sossego!"

Quando elas se retiraram, ele riu até chorar.

— X —

A guerra continuava. O povo não tinha notícias direito porque não tinha jornais nem telefones. As mentiras eram muitas, quando alguma pessoa recebia notícias, aumentava tanto que deixava todos desorientados.

Em 1915, nos mudamos para uma propriedade agrícola do meu pai, que ficava distante uma légua de onde morávamos. Meu pai vendeu a nossa casa e parte do que cabia a ele no inventário de minha avó, para meu tio. Para onde nos mudamos só havia um barracão grande de zinco todo furado. Aí, tivemos de começar tudo novamente: fazer engenho, plantar chácaras e outras lavouras, fazer cerca e uma casa para morarmos.

Com o correr do tempo tudo foi isto feito. Custamos muito a nos acostumar na nova propriedade, porque ficamos longe dos primos e dos tios; mas aos poucos fomos nos habituando.

Em 1916, meu irmão e eu já

estávamos rapazinhos; neste ano houve um casamento que nunca me esquecerei.

Casou-se uma moça, filha de um fazendeiro alemão e de uma espanhola, eram muito ricos.

O fazendeiro alemão tinha muito medo dos brasileiros, porque a Alemanha estava em guerra. Ele adorava os brasileiros; por isso fez a melhor festa que já fui em minha vida.

Ele convidou o povo em geral, gente que morava até duas léguas distantes. Convidou os melhores violeiros. Naquela época não tinha outros instrumentos. Matou muitos bois, porcos, frangos, fez doces de todas as qualidades, serviu muita cerveja e deu charutos e cigarros para todos fumarem à vontade.

A mesa de salgados e doces foi posta às 18:00 horas e todos só pararam de comer no outro dia às 9:00 horas da manhã.

O povo comia e dançava servindo-se quantas vezes quisessem. Do mesmo modo que a mesa começou, ela terminou; mal acabava um prato colocavam outro no lugar, quando acabava uma tigela de doce logo punham outra cheia.

Meu pai e minha mãe foram para o casamento durante o dia, meu pai foi testemunha do noivo. Enquanto isso, eu e meu irmão ficamos tomando conta da casa. À tarde, quando eles voltaram meu pai nos falou:

— "Tomem seus banhos, mudem a roupa e vão para o casamento. Levem, também, a

sanfona porque o pessoal de lá nunca viu uma sanfona tocar".

Eu estava tocando bem para aquele tempo, meu irmão cantava, tinha uma voz muito boa. À noite fomos para lá, ao chegarmos nos levaram pra mesa que estava numa varanda muito grande. No terreiro, havia uma coberta enorme onde estavam os vaqueiros, fazendo uma batucada que levantava até poeira. Ao acabarmos de comer fomos chamados para uma grande sala onde nos assentamos e começamos a cantar e tocar.

Eu era muito mudinho, tinha apenas 13 anos e meu irmão estava com 16 anos. O povo, ao escutar a nossa música, juntou em nosso redor; não tínhamos feito nem de tocar. Então, eu parei de tocar e falei:

— "Se vocês não nos deixarem num canto isolados, não poderemos mais tocar".

Aí, eles colocaram umas cadeiras na nossa frente e ficamos mais à vontade. Os vaqueiros pararam suas vaias, as moças nos beijaram e as mulheres choraram. Nunca tinham visto uma sanfona ser tocada por uma criança.

Nesta noite, não tivemos sossego, só parávamos para comer alguma coisa e logo continuávamos.

Só conseguimos sair da festa às 9:00 horas da manhã. Meu braço estava inchado e meu irmão rouco de tanto cantar.

Em nossa "meninice" quase não apartamos de nossos pais. Lembro-me somente de uma surra em 1909. Naquele ano, a população resolveu levantar um cruzeiro. Fizeram um, muito bonito e marcaram a festa para o dia 3 de maio, dia de Santa Cruz.

Convidaram o padre para benzer o cruzeiro e celebrar a missa, convidaram muitos padrinhos. Naquele dia, compareceu muita gente. O local, onde foi levantado o cruzeiro é onde hoje, está a represa da Petrobrás. O lugar era uma bacada com muita grama. Havia uma fazenda, uma casa de comércio e um grande galpão chamado "Rancho". Ali, era a pousada de tropeiros, carreiros e viajantes, que levavam mercadorias para a capital. Este "Rancho" ficava diariamente cheio de tropeiros e carreiros. Seu proprietário cobrava um tostão de cada um que ali pernoitasse; com este pouco que ganhava fazia sua fortuna. O "Rancho" era um verdadeiro divertimento para o povo; pois todos vinham de muito longe. Era gente de todo o feito, cantadores, violeiros, jogadores; era uma festa diariamente.

Na hora da Santa missa, da benção do Cruzeiro, aconteceu algo engraçado. Eu e meu irmão nos juntamos a uns 50 meninos e começamos uma verdadeira orgia, pegando em luta, virando cambalhotas, correndo em cavalo de pau.

O padre, que era muito nervoso, parou de celebrar a missa e disse:

— "Vou parar de celebrar a missa, porque estes meninos não têm pais, são uns sem-educação, não dão paz à ninguém."

Meu pai era um dos padrinhos e estava perto do padre, ao ouvir isto ficou vermelho e disse:

— "Sr Vigário, o senhor é mais sem educação que os meninos; pois eles ainda são muito crianças, não sabem o que fazem. O senhor, homem educado, deveria dar o desconto a nós pais que estamos aqui servindo de padrinhos, para abençoar a Santa Cruz. Não nos é possível ficar com os filhos amarrados nas pernas.

Se o Sr. quiser celebrar a missa, muito bem, se não quiser não tem importância. Chamaremos outro padre para celebrar a missa, o Cruzeiro já está bento."

O padre resolveu ficar e continuou a missa até o fim.

Ao chegarmos em casa, meu pai pegou uma correia de trilar bois, chamada ajoujo, bem untada com azeite de mamona e nos chamou. Começou, então, a nos bater, parecia até que não ia mais parar. Se não fosse minha mãe intervir, ele continuaria... Foi necessário, minha mãe, nos banhar em água com sal.

— x —

um mil réis em quem comesse um queijo e uma rapadura; um homem sempre ganhava a aposta; pois ele comia mesmo.

Quando algum fazendeiro falava:
— "Eu tenho uma vaca muito boa de leite, ela dá oito litros". Logo aparecia quem lhe dissesse: — "Sua vaca não dá leite nenhum, eu aposto que bebo todo o leite da sua vaca de uma só vêz." Então, o fazendeiro e o homem marcavam o dia da aposta. Certa vêz, o homem que sempre ganhava a aposta, bebeu todo o leite e ainda disse:
— "Não falei que sua vaca não dá leite nenhum?"

Com todas essas comedorias, quem sofria mesmo eram as senhoras donas da casa. Eram umas verdadeiras escravas, começavam a luta às 5:00 horas da manhã.
Primeiro faziam o café e repartiam com os empregados que tinham de começar o serviço. Em seguida, preparavam o almoço que deveria estar pronto até às nove horas. Não tinham empregada, após o almoço tinham que lavar as vasilhas. À uma hora serviam o café.
Elas tinham também, que lavar a roupa, passar, e engomar, porque naquela época o povo ia nas festas com a roupa engomada. O ferro era a brasa. Às 15:00 horas o jantar já deveria estar pronto.

À tarde, quando os homens voltavam da lavoura, tinham que servir café à todos.

Mas, ainda, não paravam aí. Até às 20:00 horas, os homens debulhavam milho, socavam arroz no pilão e café. Era costume almoçar, jantar e ceiar todos os dias. Então, após o café da tarde, a dona da casa começava a preparar a ceia, que era servida, depois, que todos lavassem o rosto, os braços e os pés. Elas esquentavam um tacho de água para que todos se lavassem. Então, serviam a ceia, depois, uma tigela de leite. Assim, todos iam dormir, ficando só a pobre da dona de casa a arrumar as vasilhas, para no dia seguinte iniciar uma nova labuta. Apesar de tudo, era comum encontrarmos aquelas donas de casa sempre alegres e cantando.

— X —

Em 1918, acabou-se a guerra. Foi uma enorme alegria para todos. Assim, o governo já podia importar material para recomeçar a estrada de ferro.

Com a chuva, as terras foram quase toda embora. Os cortes encheram-se de terras, nasceu mato por todos os lados. Contudo, em pouco tempo, reconstruímos tudo de novo.

Colocamos os trilhos e as máquinas começaram a correr.

As primeiras máquinas a vapor que correram por aqueles trilhos tinham os números 10 e 59. Quando elas apitavam, muita gente chorava com medo.

No início de 1919 foi inaugurada

a Estação de Sarzedo. Houve uma grande festa, muitos foram os convidados. Ao chegar a comitiva da estrada, ouviu-se o som dos foguetes.

O diretor da estrada de ferro, era o grande engenheiro Dr. Assis Brasil. Ele fez um bonito discurso. O nosso orador oficial foi um farmacêutico cego, ele também fez um belíssimo discurso, pelo qual foi muito cumprimentado. Ele chamava-se Francisco Passos.

X

O meu sistema de alimentação é o de comer e ainda ficar com fome. Quando menino, eu não comia verdura, nem macarrão. Só me alimentava de carne de porco, ou gordura de boi frita, um pouco de arroz que fica no fundo da panela, farinha de mandioca, muita rapadura, ovo cru, leite no pito da vaca, feijão tapiru, banana, laranja e frutas do mato.

Eu tinha 7 anos quando usei o primeiro par de calçados. Mesmo assim, só os usava em dias de festa. Éramos acostumados a andar com os pés no chão, nos espinhos, na chuva, na geada. Não nos importávamos com nada, às vezes nós mesmos fazíamos umas alpargatas de couro cru, que esfolavam os nossos pés

Estava inaugurada a estação de Sarzedo, começaram a correr os trens. Já se podia ir de Belo Horizonte ao Rio de Janeiro.

O comferente chamava-se Rudolfo e o guarda chaves Francisco Assis.

O nome de Sarzedo teve suas origens em tempos passados. Na fazenda de Santa Rosa, morou um engenheiro chamado Francês de Sarzedo, por este motivo a direção da estrada deu este nome à nossa estação.

Naquele mesmo ano da inauguração, algo acabou com a nossa alegria. Todos foram atacados pela "gripe espanhola", que matou mais gente do que a guerra durante 4 anos.

Foi um verdadeiro sofrimento no mundo todo. Em várias casas de oito ou dez pessoas, não restava uma sem ser atacado pela gripe, para auxiliar aos demais.

Felizmente em nossa casa minha mãe não adoeceu. Assim, ela cuidou de todos nós, inclusive dos empregados. Não havia remédio, para curar, tomávamos chá de São Caetano e outros. A mortandade era impressionante, mas com o tempo a gripe passou.

Naquele ano, ninguém plantou quase nada; por isso enfrentamos muitas dificuldades.

Meu irmão e eu já éramos rapazes, já tínhamos namoradas e gostávamos de tocar e dançar. Em 1921, fomos ao primeiro baile de carnaval, daí p'rá frente

nunca perdemos um.

Nesse ano, 1921, foi criada a escola pública em Sarzedo. A primeira professora chamava-se Maria Camardelli, que lecionou durante um ano e pouco. As primeiras provas tiveram como examinador o Sr. Pedro Aleixo, que naquela época, ainda era estudante de direito.

Depois desta professora, veio uma família que tinha três professoras formadas. Uma dava aula em Sarzedo, outra dava aula numa escola bem próxima e a terceira abriu uma escola noturna.

Foi com esta professoaa que aprendi alguma coisa, pois já havia me esquecido de quase tudo, o que aprendi, na escola dos professores.

Namorei uma dessas três moças durante 3 anos, até que ela se cansou de ser embrulhada e escreveu-me uma carta me dando o fora.

A escola continuou, o primeiro inspetor escolar foi o Sr. José Luiz de Rezende, o segundo foi o Sr. Onésimo Camardelli e o terceiro fui eu; nomeado pelo Dr. Francisco Campos, que era secretário do interior. Apesar de ser luigo, muito me esforçava pelas escolas que estavam sob a minha inspenção.

Hoje, passo perto da velha casa onde funcionava a escola e vejo ali, uma árvore de cedro muito bonita.

Eu ajudei a plantá-la no dia da árvore, junto com os alunos e à professora que se chamava D. Efigênia Guimarães.

A escola, naquela época, chamava-se "Escola mista de Sarzedo". Hoje, ela se chama Grupo Escolar Professor Ernesto Carneiro Santiago.

A origem desse nome se deu, quando eu, ainda, era inspetor municipal, este professor era inspetor regional do município de Santa Quitéria, hoje, Esmeralda.

Muitas vezes, eu andava com ele visitando as escolas. Viajávamos à cavalo, porque não havia estradas de automóvel. Ele ficava hospedado na casa da família das professoras.

Quando a escola foi instalada, veio morar, aqui, um moço que era farmacêutico diplomado. Ele também era veterinário e tenente da Polícia Militar. O pai dele era um fazendeiro daqui. Logo que ele chegou, começou a trabalhar para construir uma casa para a escola; pois a mesma funcionava numa casa sem conforto.

O pai dele deu o terreno ao estado; ele e outros, inclusive eu, começamos a trabalhar para angariar fundos para a construção. O Onísimo, que ficou como presidente da comissão da construção da escola, arranjou com o governo do estado, o Dr. Melo Viana, a importância de 12.000 contos de réis. Nós conseguimos angariar o restante, 13.000 contos de réis,

pois a escola ficou em 25.000 contos de réis. Em pouco tempo, conseguimos construir uma bela casa, com instalação sanitária, alpendre e uma sala para o escritório.

No dia da inauguração da escola, houve uma festa maravilhosa, o Onisimo foi nomeado inspetor municipal.

O rapaz, apesar de ser um farmacêutico muito bom, não se contentava apenas com a farmácia. Instalou uma fábrica de manteiga e de doces de quase todas as qualidades. A fábrica se chamava Santa Rosa e exportava seus produtos para São Paulo. Ele criava também, abelhas e bichos da seda, fabricava queijos de todas as qualidades: ricota, mussarela, queijo cavalo, parmezão e outros.

Comprava tudo o que lhe fosse oferecido. Construiu dois moinhos e não havia milho que lhe bastasse. Ele revolucionou o lugar, porém teve um triste fim. Casou-se a primeira vêz e ficou viuvo com 1 ano de casado. Casou-se pela segundo vêz, aí, foi perdendo a saúde e acabou perambulando pelas ruas, completamente desmemoriado até morrer. Foi um grande progressista de Sarzedo, hoje, ninguém se lembra dele.

———— * ————

Em 1923, apareceu aqui um rapaz chamado Caetano, tinha a cor escura, idade

de 28 anos, muito educado e tocava violão e bandolim muito bem.

Um dia, ele nos convidou para formar uma orquestra de instrumentos de corda. Nós falamos com ele, que se fosse para tocar e aprender de ouvido, poderíamos fazer parte, nós não conhecíamos música. Ele disse que nos ensinaria de ouvido. Arranjamos 10 rapazes e compramos os instrumentos.

Eu fiquei com o bandolim, éramos 11 com o professor. Possuíamos dois bandolins, dois cavaquinhos, quatro violões, uma viola, um clarinete e um reco-reco.

Começamos as aulas, todos os companheiros eram solteiros e somente o violeiro era viúvo. Com pouco tempo de ensaio, já éramos chamados para tocar em casa dos vizinhos. Daí a pouco éramos solicitado para tocar em casamento, batisados, aniversários e outras festas.

Nossa orquestra ficou famosa, porque não existia uma orquestra assim, somente de instrumento de cordas. Dos 11 componentes, havia 5 que cantavam muito bem, propiciando uma verdadeira harmonia.

Muitos fazendeiros nos convidavam para tocar em suas casas. Matavam leitões, faziam uma festa para nos receber. Assim, ocorria em todos os lugares que íamos. Nós, também, sabíamos nos comportar, não bebíamos muito e nunca fazíamos arruaças. O professor era muito respeitador; por isso nos comportávamos tão

bem. Nosso violeiro sofria muito com as brincadeiras maldosas de quatro dos rapazes, que eram verdadeiros capetas.

Ele se chamava Marcelino e tinha uns 50 anos de idade. Ele sofria, mas não nos deixava de jeito nenhum. Sempre ao voltarmos de uma festa ele falava:

— "Eu não volto mais com vocês, porque são todos uns capetas".

Mas na sexta feira seguinte ele aparecia ao ensaio alegre e dizendo:

— "Vou com vocês porque faço muita falta com a viola".

Então, como sempre, dizíamos:

— "Se você não viesse, mandaríamos lhe chamar pois não viríamos sem você".

Aí ele começava a dar aquelas gargalhadas e entrava no ensaio.

Quando chegávamos nas festas, todos brincavam com ele. Ele era muito alegre e muito guloso, só pensava em comer. Ao sermos chamados para a mesa, ele ia correndo fazendo festa, porém a alegria dele durava pouco. Um "capeta" comia frango ou outra iguaria que tivesse ossos e colocava os mesmos nos bolsos do Marcelino. Seus paletós tinham bolsos muito grandes, assim facilitava essas brincadeiras.

Enquanto ele comia, outro ia onde estavam os instrumentos e desafinava a sua viola; deixando as cordas bem bambas.

Quando recomeçávamos a tocar, ele via que sua viola estava desafinada, então ia para fora e pelejava para afiná-la. Entretanto, nunca dava conta, emburrava num canto e nós não aguentávamos de tanto rir.

Ainda, como se não bastasse alguns arranhavam as cravelhas da viola, enquanto outros a enchiam de bisicato. Ele furioso falava: — "Agora, eu juro que não ando mais com essa cachorrada!"

Mas, no sábado seguinte, ele quebrava o juramento e conosco estava novamente. A nossa orquestra era um sucesso.

Um compadre dos meus pais tinha uma filha e deu uma grande festa. A fazenda dele era localizada onde, hoje, está a fazenda do Rosário. Meus pais foram para lá cedo, nós fomos só à noite. Lá, ninguém sabia que iríamos tocar. O professor daquela noite falou-me:

— "Hoje, você irá comandar a orquestra; fará a primeira e eu irei acompanhá-lo".

Eu concordei; chegamos lá às 10:00 horas da noite. A fazenda tinha um muro de pedras, na frente e muitas guarirobas que tampavam a frente da casa. Chegamos em silêncio, caminhando nas pontas dos pés. Um sanfoneiro famoso estava tocando e o povo dançando. Quando a música parou, começamos a tocar uma marcha que estava "tinindo". O povo ficou atordoado com a música. Todos viram para onde estávamos,

não ficou ninguém dentro da casa, até as cozinheiras vieram nos ver.

O sanfoneiro desapareceu, ali não se conhecia uma orquestra de cordas.

Entramos e fomos convidados para a mesa. Depois, tocamos e cantamos a noite inteira. Namoradas tínhamos às dúzias, as moças brigavam para ficar com a gente.

A última vêz, que o Marcelino nos acompanhou foi quando fomos tocar, num batisado durante o dia e num casamento à noite. No batisado, Marcelino não comeu nada, porque ele saiu para buscar a viola, que tinha ficado em outra casa e ao retornar, já tínhamos comido e já estávamos tocando. No casamento, os doces foram servidos em vasilhas novas, ninguém conseguiu comer nada. O Marcelino estava louco de fome. Empurrávamos a vasilha de um para o outro fazendo a maior farra. O pôbre do Marcelino estava com a cara fechada sem dar uma palavra com ninguém.

Deixamos o casamento tarde da noite. Um dos companheiros, que era o rei da malda de cortou um cipó e amarrou de um lado a outro da estrada. Marcelino vinha mais atrasado porque enxergava pouco, então tropeçou no cipó e caiu por uma ladeira abaixo. Saiu rolando pelas pedras e ao parar sua viola estava em cacos. Felizmente não se machucou. Nós deitamos

de tanto rir, ninguém aguentava olhar para o Marcelino com aquela vida toda quebrada. Ele começou a lastimar, porque não sabia como dizer ao dono da vida que ela estava quebrada. A vida era emprestada e ele não tinha como pagá-la. Nós o acalmamos dizendo-lhe que não precisava ficar nervoso, porque iríamos pedir ao dono da vida, que era o meu pai, para não lhe cobrar nada.

Assim, ele se acalmou, nós de vêz em quando íamos até chorar.

A orquestra continuou, nós andávamos de uniforme de brim branco, sapato de verniz, gorro branco e camisa de tricoline listada de azul marinho.

Quando a minha namorada me deu o fora, fiquei meio atrapalhado. Para disfarçar, comecei a namorar duas moças: uma morena e a outra italiana recém chegada, que não falava quase nada em português.

Um dia, eu ia à casa da morena, e no outro dia, na casa da italiana; até que elas descobriram e as brigas começaram. Eu estava namorando só para passar o tempo, enquanto esquecia da Dinah.

A morena tinha um namorado chamado João, o dia em que ele ia à casa dela, eu não ia; assim fomos trocando os dias. Os irmãos dela disseram a um amigo meu, que não deixariam a irmã casar-se comigo, porque eu parecia um homem morto.

Se eu me casasse, não conseguiria criar a família e eles ficariam com aquela carga.

Certo dia falei para a morena:

— "Fiquei sabendo .... Hoje, acabaremos o namoro, porque eu a namoro só para passar o tempo. Não quero atrapalhar o seu casamento com o João. Ele é um moço muito bom, trabalhador e a sua família faz muito gosto que vocês se casem".

Ela começou a chorar pois era muito fingida e tapeadeira. Eu ainda lhe falei:

— "Quero ir ao seu casamento, comer doces e dançar bastante". Assim aconteceu....

Continuei namorando a italiana, mas em pouco tempo ela mudou-se para a Ressaca. Aos poucos fui deixando esta moça. Ela se casou e viveu só um ano, morreu muito nova. Chamava-se Albertina, era muito bonita, cantava e dançava bem.

A morena casou-se, dentro de pouco tempo o marido começou a beber e foi definhando-se, passaram necessidades. Eu era negociante e os socorria no que podia.
Os filhos estavam pequenos quando o João morreu. A mulher ficou doente, internaram-na no leprosário Santa Isabel. Conseguiu alta, mas durou poucos anos.

— X —

Em 1926, meu irmão se casou; eu fiquei sózinho com o peso dos serviços.

Numa festa de Santa Cruz, na Bandeirinha, conheci uma moça chamada Maria, mas todos a tratavam por Mariquita. Diziam, que era a moça mais bonita do Paraopeba. Era filha de um fazendeiro de um lugar chamado Jacaré.

Namoramos por algum tempo; a família dela me adorava, até faziam planos para o casamento, porém eu sempre me retraia.

A irmã dela casou-se com um rapaz, nosso companheiro de orquestra. Meu irmão e eu fomos ao casamento a cavalo. Eu tinha um cavalo muito bonito, bem arriado, era luxo naquela época ter um cavalo assim. O casamento foi em Betim, na volta, até a fazenda do pai da noiva, fiquei conhecendo uma moça que também era convidada. Durante o percurso começamos a namorar e conversar, eu me esqueci que estávamos indo para a casa da Mariquita. Quando chegamos, a moça que se chamava Inês, falou para a Mariquita, que era minha namorada. A Mariquita ficou nervosa, brigamos muito, ela embirrou-se no quarto e não quis dançar e nem conversar comigo. Fiquei muito sem graça, chamei meu irmão e fomos embora. Nunca mais voltei a casa dela, apesar de receber vários convites dela e dos parentes.

Casou-se com um homem, já de idade avançada, viveu apenas 3 anos com ele, morreu ainda muito nova.

No dia 9 de fevereiro, de 1928, resolvi abrir uma venda. O meu capital era de 2 contos de réis. Meu pai foi comigo fazer as compras, apresentou-me à quatro firmas, garantindo as compras. Comprei tecidos, armarinhos, ferragens, cereais e bebidas; pouco fiquei devendo.

Aluguei uma casa por 30 mil réis ao mês e arranjei um menino para me ajudar no balcão.

Minha mãe mandava o almoço, o jantar e o café para nós. Nesse mesmo ano, fundamos o primeiro clube de futebol. Meu pai era o presidente; eu, o tesoureiro; José dos Santos Filhos, secretário e José André, procurador. Esse clube foi em frente, tivemos um grande time.

No primeiro jogo convidamos o "Industrial de Betim". Eles vieram com uma assistência numerosa, banda de música e até soldados. O jogo ficou empatado, fizemos uma grande festa para eles, até boi matamos.

No fim daquele ano, começou a chegar gente de todos os lados para a construção da estrada de rodagem de Belo Horizonte à Oliveira. Foi uma grande revoada. O administrador ficou morando em minha casa, que tinha um quarto vazio. Comecei a fornecer a vales, o pagamento atrasava de forma que era aquela luta.

Apareceram bons jogadores, que fizeram parte do nosso time. Aí ficamos com um time imbatível.

Havia dois irmãos, um engenheiro outro contador, que já tinham sido jogadores

do Fluminense do Rio de Janeiro. Somente os dois valiam pelo time inteiro. Eram muito altos, pegavam a bola de cabeça e marcavam o gol; ninguém lhes tomava a bola.

Certa vez, fomos jogar em Brumadinho, nosso goleiro nunca tinha jogado nessa posição. Quando o adversário vinha com a bola, ele gritava:

— "Não chuta senão eu te arrebento".

Ele era muito corpulento e valente. O adversário amedrontado não chutava e o jogo terminou um a um.

Depois os convidamos para jogarem em nosso campo, mas arranjamos um bom goleiro. O Brumadinho apanhou de 6 a 0.

No mesmo ano, o diretor da Estrada de Ferro, Dr. Zander e o engenheiro Victor de Freitas, nos convidaram para organizarmos um diretório político. Queriam trabalhar para a candidatura de Júlio Prestes e Melo Viana para a presidência da república. Organizaram-se para canalizar a água em Sarzedo. Meu pai forneceu a água e a "Estrada" cumpriu o trato.

Sarzedo, naquela época, não tinha água. Quando chegavam as máquinas, as mulheres e crianças faziam filas para pegar uma lata d'água; era uma dificuldade.

A "Estrada" construiu uma caixa d'água na estação e colocou uma torneira grande; resolveu bem a situação.

Meu pai foi o presidente do diretório,

Francisco Garoa o tesoureiro e eu o scretário. Trabalhamos muito, ganhamos a eleição. Porém, a Aliança Liberal, que era nossa adversária, não concordou com a vitória de Júlio Prestes. Prepararam uma revolução entre os estados de Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba.

No dia 3 de outubro de 1930, estourou a revolução; foi uma verdadeira bagunça. No mesmo dia, a estação de Sarzedo estava tomada por elementos revolucionários. Nós, que éramos do contra, ficamos aparvorados.

O presidente da república não suportou a pressão; foi deposto e deportado juntamente com Nilo Peçanha, Júlio Prestes e outros políticos.

Terminada a revolução, veio a perseguição. Todos os "Prestistas" foram castigados, insultados e humilhados. Tivemos que nos esconder na fazenda do meu sogro, que era da "Aliança Liberal". Fui nomeado do cargo de inspetor escolar, a professora foi removida, a escola foi fechada e transferida de Sarzedo para a Bandeirinha, onde era o reduto da "Aliança Liberal".

Um dia, durante o tempo da revolução, chegou um caminhão da polícia e requisitou os cereais que havia na minha venda. Foi todo o tipo de vingança.

Getúlio Vargas tomou posse de ditador. Os cabeças da revolução foram os governadores do Estado de Minas, Antônio Carlos; do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas e da Paraíba, João Pessoa. Mas, não demorou muito para

que aqueles revolucionários fossem castigados por Getúlio.

Naquela época, a vida foi muito difícil, não havia dinheiro. O governador de Minas, Olegário Maciel, emitiu vales denominados "Bororós". Esse dinheiro só era válido dentro do estado. Não servia para comprar passagens, pagar impostos. O povo não aceitava aquele dinheiro. Era feito de papel ruim, rasgava-se à toa. Poucos bancos o aceitavam, nós éramos obrigados a vender e receber aquela droga.

Exigia-se de todos salvo conduto, éramos revistados pela polícia em qualquer lugar.

A escola estava fechada, entretanto, reunimos uns oito homens e contratamos uma professora à 80 mil réis por mês. Não levou muito tempo para que o prefeito de Santa Quitéria, hoje, Esmeralda, nos ajudasse a reabrir a escola municipal. Ele tornou-se nosso amigo, pois trabalhamos para eles nas eleições. Entretanto, a prefeitura só pagaria 60 mil réis à professora, nós pagávamos a diferença. Esta escola continuou até que, Betim emancipou-se, desmembrando-se de Esmeraldas. O prefeito fez um convênio com o estado, mas a escola funcionava até o 3º ano. Não se fazia o 4º ano.

X

Em 1928, fui acompanhar um casamento, eu era testemunha da noiva. O acompanhamento era à cavalo e o casamento foi em Betim.

Fiquei conhecendo nesta viagem uma moça, que era testemunha do noivo. Ficamos juntos durante toda a viagem; começamos a namorar. A partir de então, comecei a ir na casa dela e não demorei muito a pedi-la em casamento.

No dia 21 de julho de 1929, realizou-se o nosso casamento com muita festa. O civil foi em casa e o religioso na Igreja de Bom Jardim. Ficamos na casa do meu sogro do sábado até a terça-feira, quando nos mudamos para a nossa casa. "Nossa casa" não, porque a casa era alugada.

Nossa mobília era: seis cadeiras, uma mesa, um guarda-roupa, uma cama de casal e duas camas de solteiro, um guarda-louça e poucas vasilhas de cozinha.

Ainda, em 1929, a direção da Estrada de Ferro nos ofereceu três passagens-luxo para o Rio de Janeiro pelo noturno, para assistirmos ao embarque de Júlio Prestes à Europa. Fomos eu, o Garcia e a senhora dele; foi minha primeira visita ao Rio. Lá, assistimos ao embarque e à chegada do avião do Zepellin, construído na Alemanha, com a forma de um charuto. Houve uma grande festa no Rio, porque nunca tinha visto um avião tão grande como aquele. Visitamos o mercado de Niterói, fomos à Copacabana, onde havia poucas casas. Não havia aquela proteção no paseio, por isso, quando a maré subia os terrenos eram invadidos pela água.

O Garcia falava: "— Eu conheço o Rio como a palma da mão, pois trabalhei muito tempo aqui".

Então, saímos para dar uma volta, entre um passeio aqui e outro ali, fomos parar no cemitério São João Batista. Aí, o Garcia viu que estávamos perdidos; chamamos um guarda que nos ensinou o caminho de volta ao hotel. O hotel ficava na Avenida Floriano Peixoto que hoje, já não mais existe. Foi toda demolida para dar lugar à Avenida Presidente Vargas.

A estação D. Pedro II ficava mais atrás de onde está, hoje. Era uma estação muito bonita...

Voltamos para Minas e poucos dias depois, no dia 3 de outubro de 1930, estourou a revolução, da qual falei anteriormente.

—X—

No dia 8 de maio, de 1931 nasceu minha primeira filha. Foi batizada com o nome de Renée. No mesmo ano, o dono da casa, onde morávamos, pediu-me para que a entregássemos em dezembro. Em Sarzedo, não existia casa para alugar, assim, fiquei desorientado sem saber para onde ir. O Garcia ofereceu-me o cômodo de comércio dele, mas a família ainda estava sem lugar.

O Sr. Rafael Victor ofereceu-me o porão

da casa dele, para instalar o meu comércio.

Os pontos comerciais eram ruins e afastados, fiquei no "beco sem saída" até que Deus me ajudou.

Os terrenos que serviam para o comércio não eram vendidos, nem alugados. O terreno que me serviria estava hipotecado pelo Banco do comércio e Indústria. Os fiadores eram o Sr. Paulo Simoni, Gatti e outros italianos.

Um dia, resolvi procurar o Sr. Paulo Simoni e falei com ele à respeito do lote. Ele me disse, que não podia vendê-lo, porém me fez a seguinte proposta: — Faria a casa que eu quisesse, grande ou pequena, no fim de seis anos eu perderia a casa.

Durante todo o tempo, eu não pagaria nada. Eu mal pensei e falei que o negócio estava feito, mandava fazer o contrato.

Procurei o advogado e fiz o contrato. No mesmo dia, passei no Barreiro e comprei uma prancha de tijolos, no dia seguinte, contratei 3 pedreiros.

Meu pai mandou um caminhão puxar pedra e areia. Meu irmão, também ajudou-me muito.

Dentro de um mês a casa estava pronta. No dia 28 de dezembro, de 1932, entreguei a casa que eu alugava, então fiquei morando.

Na fazenda do Sr. Paulo Simoni tinha um administrador, que não gostava de mim. Eu mal o conhecia e ele me fazia, todo o

tipo de maldade. Não deixava os empregados da fazenda comprarem na minha casa; dizia que eu era ladrão, que aumentava os preços e que ia abrir uma venda perto da minha para me quebrar. Nunca nos demos um "Bom dia".

Ele cumpriu seu desejo, alugou uma casa perto da minha e começou a fazer concorrência. Vendia tudo mais barato, atraindo a minha freguesia.

Todos os sábados, ele buscava uma caminhonete de cerveja e repartia com os fregueses. Eu fui tolerando tudo isso.

Fazia um ano que eu morava na casa que eu fizera. Os proprietários do terreno resolveram vender o terreno, mas só me venderiam se comprasse a fazenda.

Combinei com meu sogro, com o Sr. Raphael Comandelli e compramos tudo. Eles ficaram com a fazenda Bela Vista, eu fiquei com o terreno da estação.

O terreno era de um alqueire e valia 10 contos de réis. Mediante o recebimento da escritura fiquei tranquilo. Depois, o tal administrador marcou um lote neste terreno que eu havia comprado. Cercou uma área de mais de 2.000 metros quadrados. Falava que o Sr. Paulo Simoni lhe tinha dado aquele lote para construir uma casa. Ele já estava quase quebrado, vendeu fiado para quem não conhecia.

A escritura do terreno já estava registrada em meu nome, por isso não me incomodei com o fato. Mas, o Sr. Paulo chamou-me em sua casa e falou-me:

"Eu já vendi o terreno para você, mas antes havia prometido ao meu administrador um lote. Ele é um homem muito ignorante, eu queria que você lhe desse algum dinheiro para que nos deixe em paz."

Eu perguntei ao Sr. Paulo:

"Quanto o Sr. quer que eu dê a ele?"

Ele respondeu:

"Você poderá dar um conto de réis?"

Então, concordei, mandei o filho do homem fazer o recibo e paguei na hora. Com o dinheiro, ele sorriu a venda e mudou-se para mais perto de mim.

Aí, começaram os insultos, ele gritava, queimava pólvora, dava tiros, fazia a maior bagunça. Eu não ligava, assim fomos tocando o barco sem trocarmos uma só palavra.

Eu era amigo do filho e da filha deste homem; a perseguição dele durou pouco. A senhora dele quebrou a perna e foi para o hospital. A filha ficou em casa, com os cinco meninos que ele criava.

A mercadoria acabou toda, começaram a comprar os pequenos na minha casa. Vi que eles estavam passando por dificuldades. Falei à filha dele, que não pas-

sava passar fome, podia procurar o que precisasse em minha venda.

Ela me agradeceu muito e começou a levar os mantimentos. Quando o pai voltou, ela lhe contou o que eu tinha feito. Então, ele passou a me cumprimentar, depois, até a conversar comigo.

No dia em que ele estava se mudando, veio com um caixote no ombro e me falou:

"Estou lhe devendo uma conta enorme, não tenho dinheiro para lhe pagar, mas fique com este caixote de ferramentas. Poderá fazer dele o que quiser."

Eu nem quis olhar o que estava dentro do caixote. Quando resolvi verificar, encontrei muitas ferramentas de carpinteiro; eu as tenho ainda.

O filho deste homem, hoje, é deputado federal, somos muito amigos, sempre o ajudo nas campanhas eleitorais.

I ——— X ———

Meu pai era muito vaidoso. Mandou fazer uma usina de luz elétrica, logo comprou um rádio que foi um sucesso. Não havia outro por perto, a marca do rádio era Philco. Vinha gente de bem longe para o ver funcionando e principalmente escutar o compadre Belarmino.

Quando eu ia para Santa Quitéria pagar os impostos, pegava o trem até Belo

Horizonte, de lá viajava no trem do oeste até Viana'polis. Lá, pegava ônibus de barco de madeira e seguia para Santa Quitéria.
O caminho era muito ruim, de vêz enquando os passageiros tinham que descer do carro e empurrá-lo até subir o morro. Daí a pouco, ele atolava no barro. Outra vêz era empurrando pelos passageiros. Quando chegávamos no lugar, estávamos todos sujos de barro.

Chegávamos lá à noite, mas o povo de Santa Quitéria era muito bom. Atendiam à noite na coletoria estadual, federal e câmara municipal, de forma que o serviço era despachado na hora.

Dormia-se na pensão do Espanhol e no dia seguinte voltava-se da mesma moda.

Gastava-se nesta viagem de 2 a 3 dias.

O primeiro juri em que participei foi em Santa Quitéria. Foi o de um cunhado pelo Sr. Pedro Lopes na linha de Fino. Ele foi absolvido, pois teve razão.

O advogado de defesa foi o coletor estadual de Santa Quitéria, Otaviano Silva. Naquela época, usava-se a pedra branca e preta. Os quesitos eram respondidos com as pedras: a preta condenava e a branca absolvia.

Em 1932, nasceu outra filha, batizada com o nome de Terezinha.
Naquele ano, houve uma pequena revolução.

Durou pouco, não trouxe maiores preocupações para a população.

Nessa época, eu já era representante de uma companhia de vendedores de gasolina e querosene. Aqui, instalaram uma bomba manual.

Meu pai, meu irmão e eu éramos sócios no movimento de lenha. Vendíamos muita lenha para fábricas de tecidos em B. Hte. Eu era o pagador, meu irmão tomava conta do mato e meu pai era o vendedor.

Em 1934, nasceu outra filha, batizada com o nome de Maria de Lourdes.

X

Eu continuava construindo casas, até que fiz uma rua inteira.

Em 1935, houve a Intentona Comunista, que foi logo dominada no mesmo ano; devido à muita preocupação e trabalho em excesso, fui me esgotando fisicamente e mentalmente. Em 1936, estava estressado. Comecei a percorrer consultórios médicos, não obtinha nenhum resultado, estava cada vez pior. Procurei cartomantes, espíritas, curandeiros, todo o tipo de remédio e nada dava certo. Fiquei desorientado, vivia só chorando, porque via minhas três meninas pequenas e sabia que ia morrer.

Eu não sabia o que era exatamente nervoso. Abandonei a casa comercial e fui para a casa dos meus pais. Quando algum

amigo chegava para me visitar, eu me escondia no mato; não dormia, não me alimentava, não bebia água. Para mim, eu possuía todos os males, colocou-se na minha cabeça que sofria do coração, do pulmão, do fígado, dos rins...

Não acreditava em mais nada, nenhum médico tinha a caridade de me explicar o que era uma moléstia nervosa.

Minha família já estava contaminada e todos sofriam muito. Mas, um dia, Deus me ajudou. Chegou na minha casa um amigo para me visitar. Era um italiano muito ignorante, porém amigo de verdade. Ele sabia o que era um espetamento nervoso, então me disse:

"Hoje, levarei você para minha casa, amanhã iremos ao médico, amigo meu, que já tratou de mim e irá curá-lo."

No dia seguinte, fomos ao médico, ele me examinou durante 3 dias, no final ele recitou e falou:

"Você não poderá ficar em casa, deverá ficar longe da família por uns 60 dias. Fique na casa do Paschoal e venha aqui todos os dias às 8 e às 14 horas.

Eu quase morri ao ouvi-lo falar assim; por eu não me separava das meninas. Comecei a chorar, mas não tive outro jeito...

Eu não andava sozinho, porque tinha

medo de cair na rua, mas o médico falava:
— "Se você cair, alguém o apanha."

Eu não passava na rua dos Caetés para não encontrar as pessoas conhecidas. Mas o médico obrigou-me a ir lá, na farmácia. Deste, comprar os remédios somente para retirar a minha cisma.

Mandou-me tomar 30 banhos de ducha, eu fazia tudo o que ele mandava. Todos os dias, tomava injeção de ____ e outros medicamentos. Ele recitou-me uma lição, "A cura dos nervosos", aos poucos fui vendo o mundo à direita; pois até então, eu só o via às avessas.

No fim de 60 dias, eu estava praticamente curado. Pouco para ir embora.

Desta data em diante, fui educando os nervos e fiquei mais controlado.

Nunca mais, deixei de me consultar com o tal médico, até um machucado que eu tinha, corria para lá.

Ele ficou amigo de toda a família, mais pais o consideravam como um filho.

A Cyralda começou a sentir umas cólicas de ovário; ela não tinha nos- sage e nem nós. Quando sentia aquelas cólicas, faltava só morrer; foram 14 anos de sofrimento tanto para ela, como para toda a família. Consultava diariamente diversos médicos, curandeiros, espíritas e outros, nada dava resultado.

Um dia, levei a este médico que tratou de mim, no Dr. Ély Nogueira Então, ele me disse para pegar uma guia para o hospital e operá-la com urgência. Remédio não mais adiantaria para ela. A operação foi uma novidade, retiraram mais de 300 cálculos da vesícula, ela ficou boa.

X

Em 1920 ou 1921, começou aqui, a exploração do maldito minério. Naquela época, extraíam o manganês.

O minério era transportado em carros de boi e tropa, numa distância de 10 kms. As estradas eram muito ruins.

Meu irmão e eu, saíamos de casa às 5 horas da manhã com o carro de boi. Era um verdadeiro sacrifício subir a serra porque os bois ficavam estropiados e não caminhavam. Ao chegarmos lá na serra, nós já estávamos cansados de tocar os bois; carregávamos o carro e descíamos a serra. Tínhamos que amarrar uma ponta de bois no traseiro do carro para que ele não disparasse morro abaixo.

Quando fazia sol a poeira era agonia, quando chovia, o carro atolava e ficávamos até 4 horas da tarde sem comer. Quando despejávamos o monte de minério que era um pó preto, estávamos iguais carvões.

Chegávamos em casa, soltávamos os bois.

no pasto, tomávamos banho com sabão de côco para retirar aquele minério gorduroso do nosso corpo e íamos comer.

Mas, na moidade, depois dessa trabalheira toda, ainda tínhamos pernas para sair e ver as namoradas. Ficávamos até 9 ou 10 horas e íamos dormir para recomeçarmos tudo, no dia seguinte.

Os donos da companhia eram homens embrulhões, mentirosos, fintadores, saíam de fininho dando prejuízo à todo o mundo. Daí a pouco, surgia outra companhia com boas propostas, o povo acreditava, não durava muito tempo, acontecia o mesmo.

A melhor companhia que apareceu por aqui foi a "Companhia Serviço de Engenharia", porque era bem organizada.

Movimentava bastante e não deu prejuízo à ninguém. Eu fornecia vales para a firma, ela atrasava no pagamento, porém pagava.

A luta, contra a extração do minério continua até hoje. É ela vem acabando com a serra, poluindo as águas, destruindo os terrenos que eram de plantação e poluindo o ambiente, pior maldição do lugar que explora minério.

— X —

Em 1936, nasceu outra filha, batizada com o nome de Selma. Assim, eram quatro meninas, eu já não tinha esperanças de

ver nascer um filho homem.
Mas, em 1938, nasceu um menino bonito do cabelo anelado. Foi o dia mais feliz da minha vida, entretanto eu não imaginava que aquela alegria nos traria muita tristeza.
Ele foi crescendo, muito ativo, de uma bondade sem igual, não se separava de mim. Todos nós o adorávamos; já estava no 2º ano ginasial com 13 anos de idade, quando a fatalidade aconteceu. Deus o levou! Não contarei os pormenores do acontecimento, porque me traz muitas recordações tristes.

X

Em 1922, conheci um rapaz de 24 anos, descendente de italiano, chamava-se Paschoal. Foi o maior medium espiritual que já conheci, ele era vidente e muito caridoso.
A casa dele parecia uma romaria, atendia à todos sem nada ganhar. Fêz milhares de curas importantes, como a da tia da Geralda que estava desenganada pelos médicos. Êle a operou, ela ficou boa. Hoje, ela tem 90 anos, está em perfeita lucidez, lembra-se de tudo e conhece velhos e novos.
O Paschoal vinha sempre para nossa casa descansar da multidão que o procurava. Em nossa casa havia um quarto enorme, onde minha mãe colocava quatro camas. Ali, dormia eu, meu irmão, ele e mais algum convidado.

À noite, quando deitávamos para dormir, escutávamos uns batidos no forro do quarto. Parecia com o som de transmissão telegráfica. Paschoal decifrava aqueles sons, que eram emitidos por espiritos desencarnados. Ele nos perguntava se conhecíamos fulano de tal, falecido à bastante tempo. Ele não conhecera a pessoa viva, porém nos falava que o espirito do falecido estava ali, falando isso e pedindo isso e isso. Ele continuava a conversar com o espirito através daqueles sinais, depois pedia ao espirito para que se retirasse e nós dormíamos sossegados.

Paschoal era um rapaz muito alegre, cantava maravilhosamente bem. Nós tocávamos os instrumentos e juntos, fazíamos serenatas que eram uma beleza.

Um dia, voltando de uma serenata, passamos por um corte na estrada de ferro. No lugar do corte, ele parou e falou:

— "Vocês sabem quem está aqui conosco?"

Nós respondemos:

"Não!"

— "Pois é o João Pereira que não está aqui. Ele não se conforma que já morreu". Disse ele.

Nós, então falamos:

— "Esse homem morreu aqui, neste lugar."

Então, ele doutrinou o espirito, pedindo que se retirasse, Nós continuamos a viagem.

Certa vêz, minha cunhada ficou passando muito mal. Meu irmão, já era casado, estava aflito com a febre alta da mulher. Foi até o quarto, onde Paschoal dormia e o chamou:

"Venha, minha mulher está muito mal."

Ele levantou-se, chegou ao quarto e chamou um nome de um médico, falecido há muito tempo. Pediu-lhe uma receita para aquela doente. A receita foi feita e meu irmão mandou aviá-la. Dois dias depois, minha cunhada estava fora de perigo, seu mal era pneumonia.

Selma, com 3 meses de nascida, começou a chorar dia e noite sem parar. Alimentava-a chorando, nós não tínhamos paz. Não dormíamos e a levávamos a diversos médicos, benzedeiras, farmacêuticos e nada adiantava. Já estava naquele estado um cinco meses, quando resolvemos levá-la à casa do Paschoal.

Ao chegarmos lá, ele não estava atendendo mais ninguém. Como éramos muito amigos, ele sentiu a nossa necessidade e nos atendeu. Pegou uma chave e deu uma volta no peito da criança, dizendo umas palavras muito bonitas. Na mesma hora a menina adormeceu, só vindo a acordar em casa. Nunca mais ela chorou daquele jeito, foi um verdadeiro milagre. Paschoal nos perguntou se conhecíamos

um Sr. chamado Leonel. Eu disse que o conheci muito, porque ele trabalhou para o meu pai. Ele nos falou, que era o Leonel, que estava fazendo a menina chorar assim, mas que daquele dia em diante ela não chorava mais. Porém, nunca mais poderia comer pato.

Paschoal sempre falava, que quando fizesse 36 anos, ia descansar, e assim aconteceu.

X

Os rapazes, daquela época, eram mais extravagantes, sabiam fazer brincadeiras maldosas, porém no estado natural. Não eram como os de hoje, drogados e viciados.

Nós fazíamos muitas brincadeiras, às vêzes bem trabalhosas.

Uma vêz, no casamento de um negros, lá na serra, todos foram à cavalo, calçados de polaina, lenço no pescoço e fazendo uma grande farra. Quando nós os vimos indo para Betim, preparamos as foices e avisamos ao Juca, ao Joaquim e a outros, para que fossem até o boqueirão da beira da estrada. Lá era um boqueirão fundo, sem passagem por outro lugar. Metemos a foice nas árvores e entupimos o lugar. Quando o povo do casamento voltou, a estrada estava tapada. Então, as mães começaram a xingar, as mulheres gritavam,

os homens, até o navio, tiveram de apar para retirar aquelas madeiras e galhos que colocamos na estrada. Nós ficamos escondidos no mato escutando o xingatório e as pragas, que eles rogavam.

Era costume, todas as tardes de domingo e dias Santos, irmos para a praça da estação na hora em que o trem passava.

Ali, reuniam se moças e rapazes à esperar até o último trem, que passava às 8 da noite.

Um dia, o trem chegou trazendo um passageiro de barba muito grande, com a cabeça para fora da janela. O Juca vendo o passageiro nos falou:

— "Fiquem perto de mim, pois quando o trem sair, agarrarei a barba daquele homem."

Assim ele fez; quando o trem começou a andar ele segurou com as duas mãos a barba do homem. O trem andava e ele continuava a puxar a barba, quase arrancou o queixo do passageiro. O homem gritou e xingou todos os nomes possíveis.

Havia uma senhora, uma filha muda e outra meio "piá logo", que faziam pinhas e fiavam algodão. Elas buscavam algodão, para fiar à meia, na casa de minha mãe e na casa da Rita do José Luiz. Quando os sacos estavam cheios, nós pegávamos pedras bem pesadas, colocávamos dentro do saco e tampávamos as pedras com algodão. Elas pegavam aqueles sacos e iam gemendo com o peso, falando!

"As donas, desta vêz, se enganaram no peso, tiveram muito lucro"

Às vêzes, era necessário colocarem o saco no chão para descansarem daquele peso.

Quando chegavam em casa e encontravam as pedras, elas até choravam de raiva.

Existia um fazendeiro muito importante, que se vestia muito bem. Tinha os melhores animais de sela, bem arreiados. Ele era valente, montava qualquer animal.

Um dia, quando ele saiu para passear, o Juca e o Nico fizeram um palhaço de pano, vestido com um paletó grande e chapéu de palha na cabeça e colocaram no meio do ribeirão, que era a única passagem existente. Quando o fazendeiro voltou, já era noite. O burro estava assustado e bravo.

Ao ver aquele "pantasma" dentro do ribeirão, o burro começou a pular e não atravessou o ribeirão de jeito nenhum. O homem foi obrigado a apear, amarrar o burro num pau e entrar de roupa e botas dentro do córrego, para retirar o palhaço e jogá-lo bem longe. Só assim, ele conseguiu fazer o burro atravessar.

Existia um velho chamado José Maria. Ele possuia um grande abacaxizal e vigiava com avaro o seu quintal.

À noite, nós amarrávamos ferraduras de cavalo nos pés e cinerro no pescoço e saímos para o quintal dele. Ba', rinchávamos iguais cavalos, batíamos as ferraduras

no chão, nas pedras e balançávamos os cincerros. O velho saia de casa com uma vara gritando, tocando os animais e dizendo:

"Esses animais do Jusceline, não dão paz à ninguém."

Quando ele se aproximava a nós corriamos e nos escondíamos. Quando ele voltava para casa recomeçavamos tudo outra vêz. Aí, o velho voltava gritando e nos escondíamos novamente. Depois, já muito tarde apanhávamos muitos abacaxis e os comíamos.

X

Em 1937, morávamos numa casa muito pequena, sem conforto. Tínhamos quatro filhos e a casa já não nos cabia.

Resolvi construir uma casa maior, mais confortável, perto da venda. Até hoje, moramos nesta casa e acho que ela é a melhor casa do mundo. Se fosse por mim, não trocaria a minha casa nem pela mansão do Matarazzo, lá em Guarujá.

Mas a casa não tinha luz elétrica. Comprei um conjunto motor a gasolina, com dínamo; um rádio e alto falante que coloquei na venda.

Assim, tínhamos luz em casa e na venda, rádio em casa e o alto falante na venda.

No mesmo ano, começamos a construção da capela de Santa Rosa. Doei 600 m² de terra, com a boa vontade do povo conseguimos construir a capela.

Ao começarmos a construção, tínhamos em caixa 4.500 réis; fomos angariando mais fundos. No dia 4 de setembro de 1938, convidamos o Padre Pedro Pinto, de Venda Nova para a benção da pedra fundamental. Ele veio e não cobrou nada, pois era muito amigo do meu pai. Foi uma festa muito bonita, com muita gente.

No dia 4 de setembro de 1939, estávamos com a capela pronta, com imagens pintadas, altar e côro. Santa Rosa foi doada pela família Raphael de Victor, Santo Antônio foi doado pelo Sr. Manuel José Campos, São Geraldo pelos meu pai Juscelino Dias Magalhães e Nossa Sra da Conceição foi doada por mim. Até o sino, eu mandei fundir em Itabirito.

A benção foi dada pelo padre Osório Braga de Betim. No término da construção a igreja ficou me devendo 4000 contos de réis.

Os pedreiros dessa obra foram, o Sr. Manuel Garrido, o Sr José Bispo, Luiz Teixeira e os já falecidos Geraldo Vicente, João de Freitas e José Correia. O encarregado do carreto foi o Sr. Joaquim Luiz que ainda está vivo. Meu irmão também ajudou muito.

Naquele ano, foi instalado o telefone público na minha casa. Figuei concessionário da companhia Telefônica Mineira.

— x —

Meu pai foi um homem muito

vaidoso, cheio de romances.

Parecia que tinha um imã para atrair mulheres. Por esses motivos e outros, nunca estava falado financeiramente. Era um "mão aberta", se tivesse 10.000 réis no bolso e alguém lhe pedisse, ele dava o dinheiro ficando sem nada.

A casa dele parecia um verdadeiro formigueiro de gente. Os amigos só queriam tirar proveito, davam os filhos para ele e minha mãe batizarem, somente para ficarem à vontade na casa.

Aos sábados a casa ficava repleta de gente de Belo Horizonte; uns exploradores! As mulheres exigiam isso e aquilo; minha mãe, que também era mão aberta, cumpria-lhes as vontades.

Esses falsos amigos e amigas faziam minha mãe de escrava. Ela fazia-lhes doces, biscoitos, grande quantidade de comida. Quando iam embora levavam tudo o que podiam carregar: frango, ovos, doces, queijos, fubá, farinha, frutas, verduras e etc. Meu irmão e eu víamos o quanto aquilo estava errado, porém não podíamos falar nada; pois meu pai gostava que fosse assim.

Quando minha mãe adoeceu, não podendo oferecer mais aqueles banquetes, os amigos foram fugindo. Nem ao enterro vieram. Meu pai, também ficou decadente, já não tinha recursos. Todos esses exploradores que se diziam amigos e compadres desapareceram.

Mais de 30 pessoas exploraram aqueles velhos por mais de 10 anos.

Somente um amigo de Belo Horizonte,

reconhecer o que meu pai fez por ele. Nunca o abandonou. Ele era pobre, meu pai o ajudava, até que ficou rico. Porém, não passava uma semana sem visitar o meu pai, até ele morrer.

Essa obrigação ficarei devendo a este Sr que está com 90 anos e se chama Daniel. Deus lhe pague Daniel!

Meus pais eram bons demais para nós e nossos filhos. Não faziam uma só viagem sem que trouxessem pão, biscoitos, doces ou frutas para as crianças.

Quando eles estavam para chegar as crianças não dormiam, pois sabiam que lhes trariam qualquer coisa.

X

Em 1938, nasceu o meu primeiro filho homem, batizado com o nome de Antônio.

Em 1939, começou a "Segunda Guerra Mundial". O começo dessa guerra foi muito difícil e quando o Brasil entrou na guerra, as coisas pioraram muito mais.

Houve racionamento da gasolina, açucar, sal, querozene, assim era uma dificuldade conseguir um saco de açucar, de sal e outros dptos. Os negociantes tinham de enfrentar filas enormes, para adquirirem os alimentos racionados. Às vezes ficavam o dia inteiro e nada conseguiam trazer. Foi a pior época que passamos na vida.

Felizmente em 1945 a guerra terminou, entretanto, as dificuldades continuaram. O governo criou a COFAP, órgão que controlava tudo. Até a lenha era controlada por este órgão. Às vêzes, chegávamos com a lenha no pátio da COFAP e um tenente mandava-nos levá-la muito longe: na Sagrada Família, Horto, Abadia, Pampulha e outros lugares que não possuíam estradas.

Chegando na casa do comprador, êle nos mandava despejar a lenha e empilhá-la no chão. Fomos, aos poucos, nos entendendo com os tenentes e êles concordavam em liberar o caminhão de lenha em troca de 50 mil réis por cada caminhão. Assim, tínhamos liberdade para vender a lenha por preço melhor.

— X —

Em 1943, as primeiras filhas já tinham feito o 3º ano na escola e já havia mais duas no 1º ano. Fui, então, obrigado a comprar uma casa em Belo Horizonte e mudar para lá, para que os meninos estudassem. Passei a venda à meia com o meu primo Juca da Malvina, fiquei apenas com as compras; foi o tempo em que mais descansei. Durou pouco, o Juca não quis continuar, eu voltei e tomei conta da venda, novamente.

Em 1944, nasceu mais uma filha, a Eliani. Com esta, completou-se seis filhos.

Um dia, em 1940 ou 1941, uma das

meninas apareceu com uma febre alta. Depois, as outras três também. Então, chamei o farmacêutico que era muito bom e ele disse.
— "Estou desconfiado que estas meninas estejam com crup. É melhor vai chamar um médico para verificar."

Na mesma hora, mandei chamar o médico na Colônia Santa Isabel, O Dr. Delor Ferreira. Ele, ao examinar as crianças falou o mesmo, e mandou fazer o exame de laboratório. O exame deu positivo, fiquei desorientado com o resultado. Felizmente somente quatro tiveram a doença, os outros dois escaparam.

O tratamento foi feito em casa, um verdadeiro martírio, apenas uma quase morreu. Graças à Deus, todas melhoraram!

Depois, que tudo passou, cheguei à conclusão que aquela doença não era crup e sim aftose. Todos os dias eu levava as crianças para tomarem leite no peito da vaca. As vacas estavam com a febre aftose, porém ninguém sabia que aquela doença era transmitida ao ser humano.

Os meninos matricularam-se no grupo em B. Horizonte e nós ficávamos lá. Nas férias vínhamos para Sarzedo.

Numa dessas férias, o menino foi na casa do avô paterno e lá pegou sarampo. Ele estava com uma febre alta, demos à ele comprimido de cibazol; com isso o sarampo saiu.

Nós não conhecíamos aquilo, e pensamos que aquelas erupções no rosto foram causadas pelo Cibazol. Então, demos à ele um purgante de água de caju, o sarampo recolheu e o menino ficou muito mal. No mesmo dia, o levamos à B. Hte e chamamos o médico Dr. Antônio Almeida. O médico não reconheceu a doença e disse que o menino estava com a febre tifo. Mandou fazer o exame, que deu positivo. Fiquei maluca com o resultado. Fui na Saúde Pública, onde tinha muitos amigos funcionários e pedi vacina anti tifo. Mandei vacinar todos em casa e isolei o menino num quarto. Ficamos guardando segredo, pois se a saúde pública soubesse, mandaria o menino para o isolado.

O médico vinha todos os dias visitar a criança, ela estava cada vêz pior.

Um dia, perguntei ao médico:

— O Sr. não acha que a penicilina daria resultado nesse caso?

Êle me respondeu:

— Se o sr quiser gastar dinheiro à toa, pode dar, mas febre tifo não tem remédio. O remédio é a reação do próprio organismo!

Eu falei, que se não fizesse mal mandaria aplicar a penicilina e êle, que eu iria perder tempo. Saí e fui procurar a penicilina. Era um medicamento novo, difícil de se encontrar. Fui feliz, consegui encontrá-la e mandei aplicá-la de 3 em 3 horas.

Ao completar a 3ª aplicação, a febre foi abaixando. Quando o médico voltou, eu falei:

— Dr. a febre está abaixando!

Ele disse:

— "É natural nas primeiras 24 horas, porém a febre retorna."

Eu passei aquela noite com o relógio na mão esperando completar as 24 horas.

A febre não mais voltou, o menino já estava brincando e descendo da cama.

Quando o médico chegou, eu lhe falei:

— Olha Dr., a febre tifo não aguentou a penicilina, o Sr. não reconheceu a doença? Examine aquela menina ali na cama, veja, o que ela tem!"

Ele examinou a criança, que era a Eliani e falou:

— "Ela está com sarampo."

Então, eu logo lhe disse:

— Pois é doutor, esta é a mesma doença que o Sr. havia tratado como se fosse febre tifo. Agora, o Sr. faça-me o favor de ver o quanto lhe devo e não precisa mais voltar.

Eu paguei a conta e os meninos ficaram bons.

— A Terezinha, nos seus 11 ou 12 anos, surgiu com uma queimação nas costas e espirrando até desgovernar-se. À noite, ela não dormia com o nariz entupido, nós fazíamos de tudo e nada adiantava. Levei-a ao consultório do Dr. Tomazi-

nho, ele tratou dela um mês, não deu resultado. Ele a mandou para um médico especialista de nariz e garganta, no Dr. Mancini. Este, ao examiná-la disse, que era necessário queimar o nariz dela, com ferro quente, uma vêz por semana.

No mesmo dia, começou o tratamento; passou-se uma semana e nada dela melhorar. Um dia, quando ia levá-la para fazer o curativo, passei no consultório do Dr. Ely, e contei-lhe o que estavam fazendo com aquela menina. Ele examinou o nariz da Terezinha e disse: "Você não irá mais levá-la lá, porque se continuar a queimar, ela perderá o nariz."

Mandou-me levá-la ao consultório do Dr. Rico, na rua da Bahia para fazer os testes anti-alérgicos. Terminados os testes, ele nada receitou. Apenas, falou que ela não poderia usar nada de lã, comer banana, tomar leite, nem dormir com travesseiro de cortiça. Foi só fazer isto e ela não sofreu mais nada.

Dr. Ely sempre me tirou dos apuros com as doenças.

Certa vêz, surgiu umas borbolhas no meu rosto, elas se arrebentaram, espalhando. Duas vezes por semana, um médico muito amigo passava lá em casa, o Dr. Nagli Salibi. Era especialista em doenças da pele. Mostrei a ele aquilo, ele me disse, que não era nada. Mandou-me ir ao consultório dele, onde me faria aplicações de ultra-violeta e

aquilo desaparecia logo. Passaram-se quatro semanas, eu estava cada vêz pior...

Um dia, fui levar a Geralda ao consultório do Dr. Vilar. Quando ele me viu disse:

"O Sr. está mais diante que sua esposa, vou dar-lhe uma receita, em 8 dias você estará bom".

Mandei aviá-la e comecei a tomar injeções, remédios, banhos e etc. Passaram-se os 8 dias, porém eu estava pior.

Já não fazia a barba, a dança havia se espalhado pela cabeça, pescoço e rosto. Eu estava desesperado...

Então, resolvi ir ao consultório do Dr. Ely ver se ele me dava uma solução. Ao chegar lá, ele me xingou bastante, porque não o havia procurado antes. Ele pegou o papel, fêz a receita e mandou a secretária buscar o remédio na farmácia Americana. Recomendou-lhe para dizer ao farmacêutico que fizesse o remédio direito.

Ela voltou com umas cápsulas; Dr. Ely me mandou tomá-las todas as manhãs. Daí a 4 dias, eu não tinha mais nada no rosto. Já podia fazer a barba. O remédio custou-me apenas 2000 réis.

Certa vêz, fiquei sofrendo uma dor no intestino, que não aliviava hora nenhuma. Se comesse doía; se não comesse doía, também.

Dormia e amanhecia com a dor.

Fui ao Dr Ely, ele mandou-me consultar um médico especialista. O médico mandou me tirar uma radiografia. Ao apresentar-lhe a radiografia, o médico me disse que eu estava com começo de úlcera. Deu-me uma dieta miserável e muitos remédios. Fiz tudo o que ele mandou, porém nada de melhorar.

Voltei ao Dr. Ely e falei que, não voltaria mais naquele médico. Então, ele me pediu para deitar na mesa, examinando-me disse:

"O que o médico mandou você não comer, coma dobrado. Coma de tudo, não tome remédio nenhum. Durma sem travesseiro, coloque um travesseiro bem duro nos quadris".

Assim, eu fiz, daí uns 4 dias eu não sentia mais a dor, em pouco tempo recuperei-me.

Os milagres desse médico, não pararam por aqui... No ano de 1950, fui tirar uma carteira no instituto dos comerciários. Ao passar pelo raio X, o radiologista falou-me para ir ao médico especialista em pulmão.

Chegando ao consultório, vi tanta gente tuberculosa, que saí de lá, desorientado. Na rua, resolvi procurar um médico particular. Lembrei-me do Dr. Paulo Souza Lima, especialista em pulmão. Chegando ao consultório, não o encontrei, ele estava viajando para os Estados Unidos. Porém, o médico que o estava substituindo examinou-me.

Tirei uma nova radiografia, que acusou

o mesmo defeito da outra, mancha na clavícula. Fiz exame de escarro, deu negativo; fiz radioscopia, não acusou nada, porém, o malvado do médico me pôs de repouso absoluto por 60 dias, tomando Estreptomicina.

Mandei separar todas as vasilhas, roupa de cama e não deixei os meninos entrarem no meu quarto. Fiquei isolado dentro de um quarto.

Passados uns 15 dias, eu comecei a passar mal. Ao completar um mês de tratamento, eu estava completamente arrazado. O antibiótico atacou meus nervos, eu já não comia, não dormia, não tinha um minuto de sossego; pensava em suicidar-me.

Quando esse médico amigo, soube que eu estava doente, foi-me fazer uma visita. Ao chegar na porta do quarto, logo falei:

— Não entre aqui, pois minha doença é contagiosa!

Ele deu uma risada, entrou, assentou-se na minha cama e começou a conversar comigo. Fêz-me muitas perguntas; examinou-me e pediu um copo d'água. Mandou-me beber a metade da água e disse:

— "Só para lhe provar, que você não tem nada, beberei o resto da água, que você deixou."

Depois, ele continuou:

— "Não tome mais nenhuma gota desses remédios. Amanhã, vai ao meu consultório às 16 hora e leve o remédio que vou receitar-lhe."

Ele fêz a receita e no dia seguinte fui

ao consultório, onde ele aplicou-me uma dose de insulina.

Quando cheguei em casa, já fui gritando a mulher para que me desse comida. Comi até quase morrer. Assim, continuei tomando insulina todos os dias. Ao completar um mês, eu já estava bom.

Depois procurei pelo Dr. Paulo Souza Lima, ele me fez todos os exames e falou-me:

— "Pode ir trabalhar, não precisa mais se separar da sua família, você não tem doença contagiosa nenhuma."

X

Em 1943, os meninos começaram a estudar em Belo Horizonte. A Renê, a Terezinha, a Lourdes e a Selma fizeram a 4ª série no grupo. As duas primeiras matricularam-se na Escola Normal Profissional, onde fizeram o curso de professora. As outras duas fizeram o ginasial no colégio da Piedade. A Eliani fez o 4º ano do primário na Fazenda do Rosário, o ginasial no colégio da Piedade e depois, o curso de contabilidade na Escola Inconfidente.

Elas não continuaram mais a estudar, os casamentos atrapalharam.

A Terezinha fez o curso de professora rural na Fazenda do Rosário, foi nomeada para a Escola Reunida de Sarzedo.

Em 1947, nasceu meu último filho que foi batizado com o nome de Alcivando.

Esse menino tirou o 4º ano, no grupo de Sarzedo com uma nota baixa: nota 5. Eram vinte alunos, somente ele conseguiu o diploma, a professora era a Sra Maria José Agostinho. Começou o ginásio no colégio Marconi, alí, ele fez até o científico. Prestou o vestibular e entrou para a faculdade de engenharia, no IPUC. Nunca perdeu um ano, sempre tirava o primeiro lugar. Quando ele estava com 22 anos e pouco, tirou o diploma de engenheiro. Fizemos uma grande festa na formatura.

Quando ele era bem pequeno eu lhe dizia:

— Você precisa aprender a trabalhar no comércio, porque eu já estou velho e você deve me substituir.

Ele, logo me falava:

— "Eu não quero isso. Eu quero é estudar, ser engenheiro, ir para a Alemanha e correr a Europa".

Ao formar-se empregou numa empresa alemã. Com uns dois anos de formado ele casou-se e daí a uns dois anos, a empresa o mandou para a Alemanha. Eu fui ao aeroporto da Pampulha no dia do embarque e lá fiquei pensando naquilo, que ele me dizia quando tinha apenas 6 anos de idade. Ele estava todo contente, parecia estar indo para uma festa.

Lá ele ficou, quase um ano; na sua volta fizemos uma boa festa.

— X —

Em 1950, resolvi pedir à comissão judiciária do Estado a elevação de distrito do povoado de Sarzedo. Fiz o requerimento, fiz o mapa das divisas e outras exigências. Porém, Sarzedo não possuía o número de habitações exigidos pela lei. Os fiscais da prefeitura de Betim eram muito amigos, contaram até as instalações sanitárias e galinheiros para completar o número de habitações exigidos. Não encontrei muitas dificuldades. O governador e o prefeito eram da UDN. Eu era presidente do diretório do PSD, de forma que era uma corrente forte contra o meu pedido.

O prefeito queria que o distrito fosse para Mário Campos, onde era o reduto udenista. Os deputados da UDN, que eram naquela época, o Carlos Horta Pereira, Simão da Cunha Oscar Correia Dirarte Mendes e outros, fecharam a questão contra o meu pedido. Eles tinham maioria na Câmara; o PSD era minoritário. Consegui com amigos, o apoio do P.R, por intermédio do Sr. Bento Gonçalves e obtive o apoio do PTB, através do Dr. Geraldo Magela Dara.

Os deputados, naquela época, do PSD eram o Dr. Tancredo Neves, Edvando Coelho, Guilhermino de Oliveira, Último de Carvalho Contijo. Assim, tivemos uma grande maioria e foi criado o distrito de Sarzedo. Mas, o prefeito que era da contra, não quis instalar o distrito.

Tivemos de trabalhar em outra eleição, na qual ganhamos com o Sr. José Trigueiro. Quando ele tomou posse, instalou o distrito. Já tínhamos eleito o juiz de paz, que foi o Sr. Manuel Pinheiro. O Sr. Manoel José Campos foi nomeado escrivão, depois ele fez o concurso e foi efetivado.

Em 1958, fui eleito juiz de Paz; permaneço neste cargo até hoje. O escrivão Manoel José Campos permaneceu pouco tempo no cargo, ele faleceu. Eu já era juiz de Paz e indiquei o Sr. Franklin Bandi para ser o escrivão interino, depois ele fez o concurso e foi efetivado.

Durante o meu mandato de Juiz de Paz aconteceu um fato importante: em 1966, o juiz de direito de Betim convocou-me para substituir o juiz de Paz da sede. Lá fiquei quase um ano. Nesse intervalo, o juiz de direito saiu de férias e eu o substitui no forum por um mês. Apesar de pouca experiência resolvi muitos problemas importantes, que não mencionarei.

Durante o meu mandato de juiz de Paz, já fiz muitos casamentos importantes como o do primeiro padre que se casou no estado de Minas, o de um juiz do supremo tribunal federal. Fiz casamento de mudos, desquitados e cegos.

No ano, de 1979 fui convocado para prestar serviço de Juiz de Paz na sede de Ibirité.

—— X ——

Em 1954, casaram-se a Bourdes e a Terezinha. No ano seguinte casaram-se a Renée e a Silma. A primeira neta que nasceu foi a Silvana, depois vieram a Liliana, o Renato, a Mônica, a Vânia, o Fábio, a Denise, o Alexandre, a Suzana, a Soraia e o Henrique.

Minha primeira bisneta foi a Renata e a segunda a Érika.

Em 1971 o Vandinho se casou e ficou a Eliani solteira.

De 1931 à 1976, servi o conselho de jurados da comarca de Betim. Ajudei a livrar muitos criminosos e a condenar muitos, até a pena máxima. De 1976 em diante pedi para me retirarem da lista de jurados, pois já havia servido à muitos júris. Sempre que era sorteado, era aceito pela defesa e pela acusação. O conselho de júri é uma escola de grande proveito para o jurado.

— X —

Em 1960, chegou aqui, em Sarzedo, o padre Eduardo. Foi o nosso vigário durante 12 anos. Este padre foi o homem, que fêz Sarzedo progredir.

Quando ele aqui chegou, não tínhamos luz e água. O povo não frequentava muito a igreja. Ele pegava um acordeon, ia para a porta da igreja e ficava tocando. O povo ia ajuntando-se à ele e logo ele conseguia fazer no salão de São Vicente, fogos, bailes e outros atrativos

Eu cedia para ele o salão de São Vicente do qual, eu era o presidente da conferência de Santo Antônio.

O povo o adorava e assim todos iam à igreja. Com a colaboração de alguns moradores daqui, ele resolveu fazer um centro social.

Ele deu um lote e o Sr. Elay Cândido e eu demos outro lote; com o esforço de todos conseguimos construir um belo prédio de 25 metros de comprimento por 9 metros de largura. Tudo foi feito em 1 ano. Compramos 40 cadeiras, 20 bancos, 20 mesas, máquina de costura, geladeira, televisão. Com o esforço deste Vigário, conseguimos com a Cemig, colocar a força e luz. Na época ficou em Cr$ 4.500,00 divididos em ações, que foram adquiridas pelo povo. Aqueles que podiam compravam mais, os outros compravam menos; foi um grande sacrifício para reunir esta importância.

Em 1962, foi inaugurado o centro social e a luz elétrica; foi uma grande festa repleta de alegria.

X

O centro social prestava, naquela época, muitos benefícios. O padre conseguiu com a Dra Maria Toffani uma caravana de médicos e enfermeiros e remédios, que todos os sábados e domingos atendiam nossa população.

Ele conseguiu com a LBA leite em pó,

farinha de trigo que eram distribuidos aos pobres. Eu, também, fazia parte da diretoria e ajudava nestes trabalhos. A diretoria era obrigada a tomar conta do centro social durante um ano gratuitamente.
Passávamos fitas de cinema, bailes de carnaval, realizávamos outras festas.

O vigário não parou, começou a verificar que Sarzedo necessitava de um hospital. Então, reuniu o povo e começou a luta, que não foi fácil. Mas, ele nunca se desanimava e nós ficávamos acanhados em não ajudá-lo.

Não tivemos ajuda da prefeitura, nem do Estado. Foram os amigos do Frei Eduardo, que nos ajudaram como podiam. Dentro de um ano e pouco, em 1969, o hospital foi inaugurado; com aparelhagens, berçário, camas, mesas de operação, uma ambulância nova e lavanderia própria.

No decorrer daqueles anos, o Frei organizou uma das mais importantes iniciativas: criou, junto à secretaria de Educação, o ginásio Petroquímico de Sarzedo. Este, até hoje, vem dando ótimos resultados.

Mas, depois de fazer todos estes melhoramentos em Sarzedo, ele resolveu casar-se. Porém, não nos abandonou, até hoje vem nos prestando a sua colaboração.

Este abençoado padre, quando aqui chegou, ficou hospedado em nossa casa, por certo tempo.

Não pagava nada, ele era muito pobre e nós fazíamos isso com muito prazer.

Hoje, ele é Dr. em Física e química, professor da Universidade Federal, ele está muito bem de vida.

O Hospital continua existindo normalmente, com o esforço do Sr. Franklin Bandi e com um pouco da minha colaboração.

A Conferência de São Vicente de Paula foi fundada em 1955, pelo Sr. Manoel José Campos, com o nome de Conferência Santo Antônio. O seu primeiro presidente foi o Sr. Sílvio José de Oliveira e o segundo fui eu, o terceiro foi o Sr. Acílio José de Oliveira e o atual é o Sr. José Teixeira. Já, temos atualmente seis conferências e um Conselho particular.

×

O meu sistema de vida atrapalhou o meu desenvolvimento. Se eu tivesse a experiência, que tenho hoje, talvez, estaria numa situação diferente, porque todo individuo, principalmente quem está começando a sua vida comercial, deverá seguir a seguinte regra: ser otimista 60% e pessimista 40%. Eu fazia o contrário, adotava 70% de pessimismo e 30% de otimismo. Com este comportamento deixei de realizar bons negócios. Nunca pude dar à minha mulher, uma boa casa, bem mobiliada.

Nunca possui um carro novo, ou mesmo

mais confortável, porque o meu pessimismo não me deixou.

Sempre pensando no dia de amanhã, graças à Deus, nunca me faltou recursos para as horas difíceis. Em todos os casamentos dos filhos, sempre, pudemos fazer uma festinha e nas formaturas, também.

Sempre cumpri com as minhas obrigações na sociedade, ajudando na construção da capela, da Conferência Santo Antônio, do Centro Social, do Hospital e outros que fizemos sozinhos.

Dei o terreno para igreja, para o Salão de São Vicente, para o Centro Social e para o Hospital. Nunca me faltou recursos para festas, para as danças e para a morte. Graças à Deus, sempre cumpri com as minhas obrigações, não deixando atrasar, um dia, para liquidar os meus compromissos.

Nunca tive folga, era tirando do ombro e pondo na cabeça. Assim fui tocando a vida, sem nunca precisar de tomar um cruzeiro emprestado. Jamais paguei um centavo de juros e nunca tive ajuda financeira de ninguém.

Meu pai era um homem muito bom para nós, mas não possuía recursos de sobra, para nos ajudar. Ele só faltava tirar o coração para nos dar, o que ele tinha em casa repartia com agente. Às vezes ele tinha um conto de réis no bolso e nos oferecia aquela quantia; a qual nunca aceitei.

Quando meus pais faleceram deixaram

nos uma propriedade. Se a tivéssemos preservado, estaríamos folgados. Mas, pusemos tudo a perder, Vendemos a propriedade, a quanto que me coube, eu dei um pouco à cada filho. Eles me deixaram uma herança que há mais de 12 anos venho lutando e lutarei até morrer com muito prazer para preservá-la. Quando meu pai morreu deixou-me duas velhas quase inutilizadas das quais venho tratando. Dou-lhes roupa, comida, remédios, médico, hospital e ainda pago lhes fundo rural. Construí uma barração para elas morarem.

Construí o zelo pela sepultura de meu pai e de minha mãe.

Contudo, não deixamos de aproveitar a vida. Já fomos diversas vêzes ao Rio de Janeiro, à Santos, conhecemos todos aqueles pontos turísticos. Atualmente sempre vamos na praia de São Francisco. Isto fazemos acompanhados por todos da família. Portanto, não podemos nos queixar da sorte..

Fazemos todos os anos, o nosso natal, reunindo toda a família e alguns amigos. Temos a nossa casinha de campo, onde sempre nos reunimos, passando dias alegres. A nossa família é maravilhosa, não existe a discórdia entre nós.

O meu sogro foi um grande amigo que tive. Nunca tivemos uma desavença; minha sogra, também era maravilhosa. Financeiramente ele foi para mim uma nega-